



CATEGORIAS DE BASE NOS CLUBES

REF.: 12/2008 by Nilson Ribeiro

DIFICULDADES ENCONTRADAS NOS PEQUENOS CLUBES DE FUTEBOL PROFISSIONAL

Quando vemos na televisão, nos jornais ou em revistas o sucesso alcançado por clubes como o Cruzeiro e o Santos, a idéia que nos dá é que o futebol brasileiro possui uma certa estrutura e organização, mas a realidade é bem diferente.

As dificuldades encontradas nessas equipes serão elucidadas a seguir.

Recursos Financeiros

Os clubes sofrem com a falta de dinheiro. Apesar do custo operacional, se comparado aos grandes clubes, não ser elevado, é muito difícil obter um patrocinador fixo que possa sustentar essa despesa. A cada ano que começa é uma nova batalha atrás de recursos e patrocinadores. Outro aspecto que contribui para essa falta de recursos é a inexistência ou inadimplência dos associados.

Elenco

A maioria dos clubes não consegue reunir um elenco que possa representar de forma competitiva e eficiente as aspirações dessa entidade. A cada ano que se inicia é necessário montar uma nova equipe, pois os clubes não mantêm seus jogadores ou quando muito, mantêm os jogadores da cidade. Muitos atletas ou não possuem uma boa capacidade técnica ou são completamente inexperientes. Isso acarreta enormes dificuldades ao treinador para montar uma equipe competitiva.

Material de Trabalho

O material utilizado para a realização do trabalho, que inclui bolas, uniformes de treino, cones, chuteiras, estacas etc., são fatores de fundamental importância na elaboração e realização de um programa de treinamento em qualquer clube de qualquer divisão. Bolas sem qualidade ou em quantidade inferior ao necessário; o mesmo com os uniformes de treino, que em muitos casos são utilizados ano após ano; falta de cones, estacas e cordas. É a realidade encontrada em muitos desses clubes. Existem casos de treinos que precisam ser cancelados ou alterados pela falta ou inexistência de alguns desses itens.

Acomodações

O alojamento é outro item que merece um destaque especial. Existem alojamentos com baixas condições de higiene; chuveiros sem água quente; iluminação inadequada; colchões velhos e estragados; inexistência de locais para os atletas estudarem, lerem ou se reunirem e, falta de locais para recreação, como sala de jogos. Verificam-se casos de atletas que apresentam dores nas costas por dormirem em colchões estragados, ficam doentes por dormirem em locais úmidos e frios etc.

Alimentação

De fundamental importância para o desenvolvimento de um atleta profissional, a alimentação normalmente não é adequada e assustaria qualquer nutricionista da área esportiva. A variação dos alimentos, como frutas e verduras, normalmente não acontece. O preparo dos alimentos também não é da maneira mais indicada. É muito comum serem alimentos gordurosos e com muita fritura. Normalmente, os empregados responsáveis pelo preparo dos alimentos não estão preparados tecnicamente para fazer a alimentação de um atleta.

As condições de higiene da cozinha também estão longe das ideais. Se a vigilância sanitária fizesse uma fiscalização, a grande maioria delas seria fechada.

A alimentação desses atletas não é satisfatória em quantidade, mas principalmente em qualidade. Falando em qualidade é quase inexistente o uso de suplementos como vitaminas, aminoácidos etc.

Viagens

Com as longas distâncias existentes dentro do Estado de São Paulo, muitas equipes precisam viajar mais de dez horas para realizar uma partida. Em alguns casos as equipes chegam ao local do jogo, no dia da realização do mesmo, isso após viajarem cinco, seis horas. Os atletas dormem e descansam dentro do ônibus. O rendimento certamente será afetado.

Muitos desses ônibus não possuem a mínima condição para realizar esse tipo de viagem. São ônibus velhos e desconfortáveis. Uma curiosidade é que o ônibus quebrar durante o trajeto é uma situação comum enfrentada por essas equipes.

Instalações, Locais de Treinamento e Estádios

A prática mais comum é treinar no próprio estádio. Como foi elucidado anteriormente, os clubes não possuem recursos para alugar campos para treinar e muito menos possuem um centro de treinamento próprio.

Observam-se também campos de treinamento e jogo sem as mínimas condições, com gramados irregulares e esburacados; vestiários sem condições de higiene e espaço. Os estádios são outros locais que não atendem as exigências do Estatuto do Torcedor. Não existem locais numerados; sinalizações adequadas; sanitários limpos e em funcionamento; conforto mínimo; segurança etc.

Salários

Esse é um aspecto que beira ao ridículo quando se trata de uma profissão, um esporte profissional e o maior esporte no Brasil. A falta de pagamento de salários ou benefícios é uma prática comum, isso porque os salários são baixos, próximos ao salário mínimo nacional. Muitos profissionais não são registrados ou o são com um valor irrisório.

A desculpa de que o clube não tem dinheiro para pagar altos salários, como acontece nos grandes clubes, não pode ser aceita, pois como já foi dito os salários são baixos. Em parte, o problema dos baixos salários é culpa dos próprios profissionais que acabam aceitando qualquer proposta só para ter a oportunidade de trabalhar em um clube profissional. Com isso, não valorizam seu trabalho e muito menos sua profissão.

Recursos Humanos

Enquanto os grandes clubes têm treinador; preparador físico; auxiliares; médico; roupeiro (mordomo); enfermeiro (massagista); fisiologista; fisioterapeuta; assistente social e psicólogo, os pequenos possuem em muitos casos o mínimo, um treinador, um preparador físico, um enfermeiro, um roupeiro e só. Isso quando alguns poucos não assumem várias funções. Mais uma vez a desculpa é a situação financeira.

Outro problema é a falta de capacitação dos profissionais. Com baixos salários e falta de condições de trabalho, os profissionais que atuam nesses clubes, em muitos casos, não possuem capacitação adequada para o cargo que exercem e a responsabilidade que o mesmo exige.

Observam-se treinadores que não conduzem treinos adequadamente ou são verdadeiros ditadores com métodos de treinamento completamente ultrapassados; preparadores físicos que não evoluíram com os métodos científicos mais modernos e também utilizam métodos de treinamento defasados, isso sem falar de enfermeiros e roupeiros, normalmente indivíduos da própria cidade que precisam trabalhar, mas não possuem conhecimento para a função que exercem.

Os dirigentes deveriam buscar contratar profissionais realmente capacitados para as funções necessárias. Verificar a experiência e o conhecimento desse profissional, assim como é feito em qualquer empresa quando precisa contratar um novo profissional.

Dirigentes

Assim como em alguns grandes clubes, nos pequenos também vemos casos de dirigentes praticamente vitalícios e sem capacitação.

Existem dirigentes que não conhecem a realidade do futebol no século XXI e não se preocupam nem um pouco com a situação dos membros da comissão técnica e dos atletas.

A inexistência de dirigentes profissionais é outro fator que influencia negativamente na administração dos clubes. Os clubes são administrados de forma ultrapassada e amadora.

A falta de um trabalho de marketing e de divulgação é um aspecto que atrapalha na obtenção de patrocínios, mas muitos desses dirigentes chegam a desconhecer o significado da palavra marketing.

Política

Assim como em todas as áreas no nosso país, os pequenos clubes de futebol também são influenciados pela política local. A escolha de dirigentes, de patrocinadores e até de participação em alguns torneios, podem sofrer influência de interesses políticos.

Categorias de Base

Com a falta de recursos financeiros, os clubes praticamente não investem na base e a grande maioria nem possui equipes dessas categorias. O pior é que os clubes não enxergam que uma das soluções para os problemas financeiros é justamente investir nos garotos. Já que não possuem dinheiro para contratar bons jogadores, a solução seria formá-los dentro de casa.

O que se vê são jogadores com idade de juniores que não possuem experiência, pois quando eram infantis e juvenis não disputaram torneios competitivos.

Novamente, volta-se a desculpa da falta de recursos. Ênfase que um trabalho de marketing eficiente e direcionado poderia angariar recursos locais para esse trabalho, até porque é um trabalho de baixo custo operacional.

Educação

Não existe um projeto para a educação dos atletas. Muitos abandonam a escola por preguiça ou por acharem que não podem estudar e ser atleta ao mesmo tempo. Existe um total despreparo e desinteresse por parte dos dirigentes com relação à educação de garotos e adultos.

O lado social dos atletas também é deixado de lado. Muitos atletas apresentam problemas de conduta e convívio em grupo, chegando a ocorrer casos de furto e homossexualismo. O mais grave é que os clubes não demonstram interesse em ajudar a solucionar ou minimizar esses problemas.

Muitos garotos ao assistir a televisão e ver o sucesso alcançado no exterior por jogadores como Ronaldo, Kaká, Cafu, Roberto Carlos, Ronaldinho Gaúcho, Dida e outros, acabam se iludindo e não sabem a grande dificuldade que existe no início de carreira, principalmente em um clube pequeno.

Esses garotos abandonam a escola pela chance de vencer no futebol, mas apenas uma minoria atinge o sucesso, a maioria infelizmente não consegue. Muitos acabam em subempregos e até na marginalidade, pois não se prepararam ou não foram devidamente orientados para buscar alternativas fora do futebol.

Quero salientar que essa situação é encontrada na maioria dos clubes, mas não em todos. Existem pequenos clubes que possuem uma boa estrutura, dirigentes e profissionais capacitados.

A situação é que muitas equipes, infelizmente, estão falidas e sem uma liderança forte e competente. Encontram-se também clubes que alternam anos de total despreparo e falta de condições, com anos de boas condições e bom trabalho.

O futebol é uma paixão de nosso povo. Os clubes e seus dirigentes deveriam respeitar o cidadão que torce por uma bandeira ou distintivo e, principalmente, respeitar aqueles que procuram honestamente vencer por meio do futebol, inclui-se treinadores, preparadores físicos, atletas e demais profissionais.

CATEGORIA DE BASE É A SOLUÇÃO

A valorização dos jogadores formados no clube tem sido uma das prioridades dos grandes clubes no Brasil. Eles perceberam que ao aliar a qualidade do jogador brasileiro à uma boa estrutura, os resultados aparecem e é extremamente vantajosa, não apenas na montagem de times competitivos, mas por dar um bom retorno financeiro ao clube.

"Pela essência do futebol hoje, economicamente dizendo, é necessário que você tenha um bom trabalho de formação.

É uma forma de se fazer futebol no Brasil com a desigualdade financeira que nós temos em relação aos clubes das Europa. Então, é investir pesado na base e nosso futuro é muito promissor.

A intenção dos Agentes e Olheiros é captar jovens de grande potencial, com o objetivo de atender as necessidades dos clubes do cenário nacional, dando aos jogadores todo suporte; orientando e gerenciando sua carreira, para que cheguem ao profissional bem preparados.

OS CLUBES RECLAMAM DA GARANTIA NO INVESTIMENTO

Com o fim da lei do passe, implantação da Lei Pelé, os clubes de futebol foram obrigados a reestruturar suas finanças e aumentar os investimentos nas categorias de base, para formação de atletas. O mesmo processo aumentou o poder dos empresários e procuradores, que também ampliaram sua ação até os atletas da base, aumentando o risco de corrupção no setor.

Segundo a legislação brasileira, o contrato profissional, único meio existente para que clube e jogador tenham um vínculo, só pode ser assinado a partir de 14 anos (Contrato de formação). Até esta data, os jovens treinam, são preparados e participam de campeonatos, porém sem uma obrigação de permanecer no clube que o formou.

“Isto é um risco imenso para os clubes que são vítimas de alguns dirigentes, procuradores e treinadores desonestos. Basta alguém oferecer alguma condição para os atletas que ele se torna procurador daquele jovem e pode exigir o que quiser do clube para mantê-lo no time”, .

Na maioria dos casos, os jovens atletas vêm de uma origem humilde e como não possuem vínculo com seus clubes até completar 15 anos, acabam aceitando benefícios de empresários, que se transformam em seus procuradores e exigem vantagens para “colocar” estes atletas nos clubes.

O grande problema na base se concentra nos treinadores e dirigentes mal intencionados, que indicam atletas para procuradores e recebem uma porcentagem para manter os jogadores no grupo. O que acontece é que nem sempre os melhores ficam na equipe”.

Tem treinadores que exigem o ‘por fora’ para selecionar garotos. Existe uma máfia nas categorias de base que precisa ser eliminada”.

Segundo os dirigentes existem casos de treinadores das categorias de base que acertam contratos com outros clubes, porém antes de pedir demissão da antiga equipe, dispensam alguns jogadores para repatriá-los no novo time.

“No Santos nenhum treinador das categorias de base pode dispensar atletas sem a aprovação de uma comissão, chefiada pelo Zito, além de preencher um documento

explicando exatamente os motivos da dispensa”, completa Mello, explicando uma das soluções encontradas pelo clube.

“É preciso rever toda a legislação. Não basta ter homens de confiança nas categorias de base. É preciso que o clube tenha garantias que seus investimentos, que não são poucos, trarão retornos. Isto só poderá ser feito quando homens do futebol forem os autores das leis que regem o esporte neste país”, finaliza Andrés.

A AÇÃO DE EMPRESÁRIOS NAS EQUIPES DE BASE

"Profissionais auxiliam a formação dos atletas, mas muitos deles podem ser 'vilões' no processo de formação"

A Lei Pelé e o aumento da liberdade dos atletas no futebol transformaram o status de um personagem do esporte. O empresário ganhou importância e passou a atuar como elo entre clubes e jogadores. Com esse trabalho, sem espaço para meio termo, a categoria oscila entre as imagens de herói e vilão.

Essa dicotomia é ainda mais evidente no trabalho com as equipes de base, nas quais os agentes são muitas vezes os responsáveis por toda a estrutura de seus contratantes.

Os empresários são responsáveis por negociar contratos dos jogadores que os contratam com os times de futebol. No entanto, sua influência não espera os atletas completarem 16 anos, quando podem assinar contratos profissionais. Eles atuam desde cedo, dando todo o suporte para a iniciação dos garotos no esporte.

Essa ligação, porém, deu origem a situações inusitadas. Alguns empresários deram origem a suas próprias equipes para desenvolver trabalhos com as metodologias que julgam corretas e revelar atletas. Essa prática, que criou uma "concorrência" para os clubes, foi condenada pela maioria dos dirigentes.

Neste ano, por exemplo, a Federação Paulista de Futebol proibiu a inscrição de times de empresários na Copa São Paulo de futebol júnior. Contudo, a importância dessa figura para a manutenção de algumas equipes ficou evidente com essa medida.

Grupos de agentes fizeram acordos com clubes tradicionais e usaram sua marca para conseguir uma vaga na principal competição amadora do país.

Foi isso que aconteceu com a Traffic, empresa de marketing esportivo que se associou ao Palmeiras nesta temporada. O grupo criou o Desportivo Brasil, time em que suas revelações têm condições de atuar. Para inscrever a equipe na Copa São Paulo, entretanto, precisou se associar ao São Bento de Sorocaba.

Só que a influência de empresários não apareceu apenas de forma positiva na Copa São Paulo. Nesta temporada, times tradicionais como Botafogo-RJ, Náutico e Sport recusaram o convite para participar do torneio, que foi aberto a atletas nascidos nos anos 1990, 1991 e 1992. O motivo: a ação de empresários.

"Acho que a competição fugiu do propósito inicial. Hoje o ponto de vista é mais comercial. Se o seu objetivo é formar um atleta para a equipe em vez de negociá-lo, não há motivo para disputar a Copa São Paulo", discutiu Bebeto de Freitas, presidente da equipe carioca, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo.

PRINCIPAIS CATEGORIAS NO BRASIL

O futebol atual praticamente ignora as expressões "Juvenil", "Júnior" ou "Infantil" para se referir a alguma faixa etária específica. As competições oficiais da Fifa abrangem **quatro principais categorias :**

Profissional

Sub-20 (Júnior)

Sub-17 (Juvenil)

Sub-15 (Infantil)

1ª) Profissional:

São atletas que têm contrato com clubes, jogam mediante remuneração, com vínculo ao clube. Pela legislação brasileira, um jogador pode se profissionalizar a partir dos 16 anos. A duração do contrato pode ser de três meses, no mínimo, e cinco anos, no máximo.

E o primeiro contrato, ou menor de 18 anos, não pode exceder 3 anos, com renovação preferencial de mais de 2 anos

Categorias de Base

Quando aqui se fala em categoria de base, refere-se a escolinha, infantil (sub-15) e juvenil (sub-17), pois o juniores (sub-20) além de ser uma categoria quase profissional.

Com a falta de recursos financeiros, os clubes praticamente não investem na base e a grande maioria nem possui equipes dessas categorias.

O pior é que os clubes não enxergam que uma das soluções para os problemas financeiros é justamente investir nos garotos.

Já que não possuem dinheiro para contratar bons jogadores, a solução seria formá-los dentro de casa.

As categorias e suas idades / BASEADO NA RDI N°01/2003 E ARBITRAIS

ADULTO	Acima de 20 anos
JUNIOR	(20 anos) (19 anos) e (18 anos)
JUVENIL	(17 anos) e (16 anos)
INFANTIL	(15 anos) e (14 anos)
PRÉ-INFANTIL	(13 anos) e (12 anos)
MIRIM	(13 anos) e (10 anos)
PRÉ-MIRIM	(11 anos) e (10 anos)

O PROCESSO SELETIVO E O FUTEBOL

Milhares de garotos tentam, a cada temporada, um lugar nas categorias de base de um grande clube de futebol.

Para isso, a porta de entrada é invariavelmente a peneira. Contudo, o início da trajetória está longe de ser o único ponto em que o jogador é submetido a um processo de seleção baseado em suas habilidades e no seu desempenho momentâneo.

O problema é que a realidade do futebol é composta por inúmeras variáveis de difícil definição. Essa complexidade torna a avaliação de um jogador um processo árduo e com enorme margem de erro. Baseado no rendimento do atleta em poucos minutos, o treinador muitas vezes comete erros no processo seletivo - o lateral-direito Cafu, capitão da seleção brasileira nas Copas de 2002 e 2006, foi reprovado em 12 testes antes de ingressar nas categorias de base do São Paulo.

Existem dois tipos de seleção de jogadores em uma equipe de futebol: a seleção para as categorias de base e a seleção de jogadores como reforços para times de alto rendimento. Nos dois casos, é fundamental que o avaliador tenha uma noção exata das necessidades do grupo que ele está formando.

A seleção de jogadores como reforços para equipes de alto rendimento deve acontecer a partir de uma análise minuciosa sobre o atual momento do elenco. A partir daí, o treinador deve determinar (em conjunto com a comissão técnica) as carências e solicitações para complementar as potencialidades do grupo.

Em algumas situações, o treinador deve apresentar uma relação nominal de possíveis contratações e deixar à diretoria a responsabilidade de concretizar as negociações. Outro meio é a indicação de atletas ao treinador por meio de um trabalho de profissionais de observação contratados pelo clube.

Já nas categorias de base, as carências da equipe não estão tão delineadas quanto no profissional. Por isso, é fundamental que o treinador se guie por alguns conceitos a fim de minimizar a margem de erro nas escolhas.

Para escolher um goleiro, por exemplo, o treinador deve procurar atletas com altura, envergadura, palma da mão grande e reflexos apurados. Além disso, deve priorizar agilidade e impulsão como características importantes.

Assim como um goleiro, um zagueiro deve ter estatura e impulsão desenvolvida. A diferença é que suas características precisam ser de recuperação rápida, aceleração e explosão anaeróbia.

Para um lateral, a estatura é indiferente. Em contrapartida, o jogador que o técnico escolhe para atuar nessa posição deve estar preparado para percorrer longos percursos e mudar rapidamente de direção. A capacidade cognitiva desse jogador deve ser mais apurada que das duas posições citadas anteriormente.

A escolha de um volante deve priorizar jogadores com força, habilidade e perfil mais completo. É importante que os atletas dessa posição consigam unir capacidade de marcação e habilidade para tocar a bola e fazer lançamentos.

A criatividade também deve estar presente nos meias, mas sem tanta capacidade de marcação. Além disso, o jogador deve ter raciocínio rápido e domínio técnico de habilidade e finalização.

A última posição é o ataque. Para escolher um jogador para esse setor, o técnico pode optar por atletas de habilidade e velocidade ou por atletas com estatura e presença de área. É importante que eles tenham explosão anaeróbia.

Um ponto comum para todos os atletas é que, além das características físicas, o treinador deve se preocupar com a postura e o comportamento dos atletas. Esses são dois pontos fundamentais para minimizar a chance de erro na hora de escolher reforços.

TECNOLOGIA MUDA CAMINHO PARA REVELAÇÃO DE ATLETAS

Você tem um filho que demonstra alguma aptidão para a prática do futebol. Então, decide levá-lo para jogar em um clube. Até alguns anos, você procuraria as equipes mais próximas da sua casa (na sua cidade natal, por exemplo) e o garoto passaria por uma série de testes físicos e técnicos antes de iniciar a trajetória em um desses times. Contudo, a tecnologia mudou totalmente o enredo dessa história.

No Brasil, times como Botafogo-RJ, Coritiba e Portuguesa usam a internet para chamar garotos para suas categorias de base. Assim, além do aumento do número de jogadores mirins, essas equipes vislumbram uma maior cobertura - os anúncios têm caráter nacional e não se destinam apenas a candidatos que moram na região em que o clube se situa.

"A Portuguesa chegou a ter 6 mil inscrições para suas peneiras. Queremos aumentar a base de atletas, e esse é um caminho. O Coritiba tem condição de formar muitos jogadores, mas os garotos que nos procuram são, em sua maioria, de Curitiba. Estamos tentando ampliar a área de atuação para todo o Brasil", explica o diretor de categorias de base do clube paranaense, Paulo Renato Heyn.

Inspirado em exemplos como o da Portuguesa, o Coritiba pretende lançar um site para convocar garotos para suas categorias de base. O anúncio será feito em um portal chamado www.craquesdocoritiba.com e será feito em parceria com uma empresa especializada em soluções para internet.

"Todo garoto quer ser jogador e todo clube precisa de novos talentos. Nosso trabalho é unir esses dois interesses e a tecnologia é fundamental. Para participar, o candidato só precisa acessar o site, fazer a inscrição, imprimir os formulários e anexar cópia da carteira de identidade, atestado médico e comprovante de pagamento", ensina Heyn.

Depois da seleção, a tecnologia também modificou o desenvolvimento dos garotos nas categorias de base. Com o desenvolvimento de novas ferramentas, as equipes puderam criar bancos de dados minuciosos sobre seus atletas e orientar os treinos para uma individualização.

"Temos programas para registrar todas as informações sobre os garotos e acompanhar sua evolução. Assim, o trabalho com eles fica mais fácil quando eles chegam aos profissionais. Esses dados fundamentam avaliações e deixam o trabalho menos subjetivo", lembra Alessandro Gonçalves, coordenador de projetos do Corinthians.

YOUTUBE NO ESPORTE - POR MUITO MAIS GENTE.

Vida de jogador parado também é cheia de correria. Adriano Araújo está sem contrato desde fevereiro, mas treina todos os dias num clube do litoral gaúcho para manter a forma, enquanto espera o fim da maré de azar.

"Recebi várias ligações e atualmente converso com um clube da Arábia Saudita. Tomara Deus que eu feche um bom contrato, né?", espera o jogador.

A chance de upgrade na carreira só veio depois de um upload. Vamos aos termos: *upgrade* significa melhorar a situação e, *upload*, publicar um arquivo na Internet.

O jogador fez isso com o currículo dele. Nome, endereço, o telefone e os melhores lances da carreira. Enviou para o Youtube, um site de vídeo da rede de computadores.

É grande o número de atletas em atividade no mundo virtual. O empresário João Batista divulga vídeos de todos os jogadores que representa. Nunca se sabe quando uma oportunidade vai aparecer.

"Antigamente, pra se mandar um material, se levava uma semana, três dias. Eu, hoje, digo para qualquer pessoa: 'olhe o videotape' e, em três minutos, em qualquer lugar do mundo ele tem essa condição", diz ele.

O vídeo de Bruno Rafael já foi visto e ele estuda propostas para trocar a segunda divisão do campeonato paulista por uma carreira do outro lado do mundo. "Já apareceram algumas coisas boas, como para o Japão, coisa assim. E é bom saber que através da Internet você pode ser visto no mundo inteiro".

Quanto maior é a exposição, mais chance de ser lembrado para um novo contrato. A Internet ajuda, mas não é um clube fechado, freqüentado apenas por jogadores profissionais. Os sites de vídeos estão cheios de talentos novos e desconhecidos. Garotos que procuram uma primeira chance para mostrar o que sabem fazer com a bola.

Maycon Santana, de 15 anos, é um exemplo. Morador de Adustina, no sertão da Bahia, e estrela de um megahit na Internet. O vídeo de quase dez minutos já teve mais de 40 mil acessos. É fácil entender tamanho sucesso: as jogadas desconcertam os marcadores.

Maycon nunca saiu de Adustina, nunca viu cidade grande. Câmera, viu uma só. E bastou para que o mundo soubesse dele.

"É uma habilidade além do normal. Tive a idéia de filmá-lo, colocá-lo na Internet, que é um meio de comunicação global e que leva a informação muito rápido ao mundo", diz o videomaker.

O menino gostou de se ver no computador mas, como todo craque é exigente, acha que não jogou bem. "Na hora que está filmando eu fico nervoso", explica.

É bom se acostumar com a fama. Os dribles incríveis e as manobras impossíveis com a bola ganharam o coração dos torcedores do Flamengo, o time do coração de Maycon. Os flamenguistas da Paixão Rubro-Negra prometem "lotar a caixa de e-mails do clube pedindo a contratação do novo talento do futebol brasileiro".

"Todo dia eu sonho pra ser jogador de bola profissional", diz o menino. O sonho não é só de Maycon. Muita gente quer ver no campo o que viu na Internet.

CONTRATO DE FORMAÇÃO DE JOGADOR

Bolsa de Aprendizagem

O atleta não profissional em formação, **maior de quatorze e menor de vinte anos de idade**, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora (Somente clubes), sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes.

Contrato

A entidade de prática desportiva, que visa a formação do atleta, tem o direito de assinar com esse, a **partir de dezesseis anos de idade**, o primeiro contrato de trabalho profissional, cujo prazo não poderá ser superior a cinco anos.

A entidade de prática desportiva formadora detentora do primeiro contrato de trabalho com o atleta por ela profissionalizado terá o **direito de preferência para a primeira renovação** deste contrato, cujo prazo não poderá ser superior a dois anos.

Contrato de adesão para prestação de serviços de formação e preparação de atleta desportivo

Categoria : NÃO PROFISSIONAL (Amador)

Sugestão – Portaria 105/98 do INDESP

Natureza: Contrato civil

Contratantes: Entidade de prática desportiva e atleta (menor – representando até 16 anos e assistido entre 16 / 18 anos)

Modalidade: Descrever qualquer delas – Exemplo: Futebol

Duração: á partir de 14 anos por até 06 anos ou até um dia antes do atleta completar 20 anos.

Extinção: Quando da profissionalização antecipada ou término do contrato por cumprimento.

Objetivos do contrato em relação ao contratante

- 1 – Capacitação técnica-educacional específica voltada para a modalidade eleita;
- 2 – Conhecimentos teóricos e práticos de educação física condicionamento e motricidade;
- 3 – Regras, legislação, fundamentos;
- 4 – conhecimento sobre civismo, ética e comportamento;
- 5 – Teoria e prática de competição desportiva;
- 6 – Preparação e orientação para o estágio de profissionalização

Obrigações da contratada (Entidade de prática desportiva, acidentes pessoais;

7 – Assegurar por meio de incentivos materiais e contratação isolada : transporte, alojamento, alimentação condizente (Por nutricionistas) técnicas de fisioterapia e outros profissionais qualificados.

Obrigações do contratante (Atleta)

- 1 – Cumprir horário de capacitação programado pela contratada
- 2 – Aproveitamento nas aulas de educação física, condicionamento, motricidade e fundamentos;

- 3 – Presença nas competições
- 4 – Permanecer em concentração quando exigido
- 5 – Frequentar aulas do cursos escolar regular;
- 6 – Não participar de qualquer atividade de prática desportiva sem autorização da contratante;
- 7 – Firmar por obrigatoriedade o primeiro contrato de trabalho a prazo determinado com o clube formador;
- 8 – Aceitar incondicionalmente que os direitos de clube formador durante a vigência deste possam ser cedidos pelo clube formador á terceiros (§2 ° do Art. 29 da Lei 9.615/98);
- 9 – Cumprir com todas as cláusulas do contrato, sob pena de ensejar a exigência do ressarcimento dos custos de formação na forma do §5 ° do Art. 29 da Lei 9.615/98, do clube cessionário.

Das demais condições

- a) Prever as condições para o futuro contrato de trabalho,
- b) Autorização / contratação para a exploração da imagem;
- c) Inexistência do direito de arena

Preferência de Renovação

O Agente trabalha muito com garotos jovens que ainda estão nos clubes e o mesmo tem que ficar atento na renovação dos contratos destes jogadores com seus respectivos clubes.

Quando o clube realmente dispensar o jogador, cabe ao Agente procurar um outro clube e quando o jogador assinar o contrato com outra agremiação, cabe o agente impor sua participação nos direitos econômicos do jogador.

A associação formadora detentora do **primeiro contrato** de trabalho com o atleta (que é de **3 anos**) por ela profissionalizado terá o **direito de preferência** para a primeira renovação deste contrato, cujo prazo não poderá ser superior a **dois anos**, conforme o disposto no § 3º da do art. 29, da Lei nº 9.615, de 1998, com a redação dada pela Lei nº 10.672, de 2003.

Formação de Atletas

a) Início do estágio de formação desportiva;

Aos **14 anos** e podendo se estender **até os 20 anos incompletos** – Um dia antes de completar 20 anos (Lei 9.615/98, Art. 29 §4 °, redação da Lei 10.672/2003)

b) Liberdade de vínculo durante os 2 primeiros anos de formação

Entre 14 e 16 anos incompletos ou sucessivamente se o início for após os 14 anos; (Lei 9.615/98, Art. 29, §2 ° - **Comprovar o registro do atleta como não profissional pelo prazo mínimo de 2 anos**)

c) Obrigatório contrato de formação

Art. 29, §4 ° - Sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado qualquer vínculo empregatício entre as partes.

Obs: Não incide INSS

d) Indenização por ruptura antecipada

- Os custos de formação será ressarcidos pela entidade de prática desportiva usufruidora de atleta por ela não formado pelos seguintes valores:

Lei 9.615/ 98 – Art. 29, §6º § 6º - Os custos de formação serão ressarcidos pela entidade de prática desportiva usufruidora de atleta por ela não formado pelos seguintes valores:

- I – **15** (quinze vezes) o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de **16 e menor de 17 anos de idade**;
- II – **20** (vinte vezes) o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de **17 e menor de 18 anos de idade**;
- III – **25** (vinte e cinco vezes) o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de **18 e menor de 19 anos de idade**;
- IV – **30** (trinta vezes) o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional **ser maior de 19 e menor de 20 anos** de idade.

§ 7º - A entidade de prática desportiva formadora para fazer jus ao ressarcimento previsto neste artigo deverá preencher os seguintes requisitos:

- I - cumprir a exigência constante do § 2º deste artigo;
- II - comprovar que efetivamente utilizou o atleta em formação em competições oficiais não profissionais;
- III - propiciar assistência médica, odontológica e psicológica, bem como contratação de seguro de vida e ajuda de custo para transporte;
- IV - manter instalações desportivas adequadas, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade, além de corpo de profissionais especializados em formação técnico-desportiva;

O contrato de trabalho de jogadores de futebol é regido pela CLT, mas admite algumas peculiaridades. Nós colocamos uma cláusula extra, que é amparada pela Lei Pelé, que dizia que se o jogador se machucasse e o clube desse toda a assistência sem mandá-lo para o INSS, pagando o salário normalmente durante o tempo em que ele estivesse indisponível, ele concordaria em prorrogar o contrato. Isso é até uma coisa que muitos advogados dizem que criaram.

RESUMO-1

Contrato de formação do Atleta / Bolsa de Aprendizagem

Pela lei brasileira, um jogador só pode ter vínculo com os clubes a partir dos 14 anos. Assim, o atleta pode mudar de equipe à vontade até completar essa idade.

O atleta não profissional em formação, **maior de quatorze e menor de vinte anos de idade**, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes.

A entidade de prática desportiva, que visa a formação do atleta, tem o **direito de preferência** para assinar o primeiro contrato com esse, a partir de **dezesesseis anos de idade**, o primeiro contrato de trabalho profissional, (de 3 anos, renovável por mais 2) cujo prazo não poderá ser superior a cinco anos.

Preferência de Renovação

A associação formadora detentora do **primeiro contrato** de trabalho com o atleta (que é de **3 anos**) por ela profissionalizado terá o **direito de preferência** para a primeira renovação deste contrato, cujo prazo não poderá ser superior a **dois anos**, conforme o disposto no § 3º da do art. 29, da Lei nº 9.615, de 1998, com a redação dada pela Lei nº 10.672, de 2003.

Primeiro contrato: Após 16 anos no máximo de 3 anos com prorrogação de mais de 2 anos (mas o jogador não é obrigado a assinar a prorrogação), mas se ele for transferido para um outro clube, existe a indenização por formação.

Direito de preferência do clube formador

O Clube A para profissionalizar o atleta o procedimento é mandar para a federação oferecendo específico valor para o jogador assinar o contrato – Mas se ele não aceitar. Aí o outro clube interessado, no caso se oferecer os mesmos valores, não vale. O jogador fica obrigado a ficar no Clube A .

Então, de acordo com lei, o clube B tem que oferecer, vamos dizer, um valor maior, aí o jogador fica no clube B terá e ainda terá de reembolsar o clube A , pela formação.

PARA TER DIREITO O CLUBEM TEM QUE comprovar o registro do atleta como não profissional pelo prazo mínimo de 2 anos

O clube tem de se prevenir. Depois que acaba o contrato, o jogador está livre - afirmou o especialista, Nilson Ribeiro.

Se o atleta amador sair do clube A e ir para o clube B . **A matemática é a seguinte:** Somar as **despesas anuais**, tais como **educação, alimentação, saúde, transporte e auxílio-financeiro, e multiplicar por 30. (no caso de ser maior de 19 e menor de 20 anos de idade)**

Por exemplo: se o ClubeA gastou R\$ 10 mil com o **jogador** e comprovar – O clubeA tem direito de receber **R\$ 300 mil** (R\$ 10.000 por ano x 30) do clubeB

RESUMO-2

A entidade Formadora tem direito a assinar com o atleta, a partir de **16 anos de idade**, o primeiro contrato de trabalho profissional, cujo prazo não poderá exceder a cinco (05) anos e aquela deverá ter registrado o jogador de futebol como **não-profissional há pelo menos 02 anos**, podendo ceder este direito, de forma remunerada, a outra entidade de prática desportiva.

Assim agindo, a entidade de prática desportiva Formadora, firmando o primeiro contrato de trabalho com o jogador de futebol por ela profissionalizado, terá o direito de preferência para a primeira **renovação** deste contrato, cujo prazo não poderá ser superior a dois anos.

Ainda, é assegurado ao atleta não profissional em formação, maior **de 14 e menor de 21 anos** de idade, o recebimento de auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes

Ao revés, é assegurado à entidade de prática de desporto formadora o direito ao ressarcimento dos custos de formação do atleta não profissional, menor de vinte anos de idade, sempre que, sem a expressa anuência desta, aquele participar de competição desportiva representando outra entidade de prática desportiva e desde que comprove, a entidade, que tenha mantido o jogador de futebol por ela registrado como não-profissional há, pelo menos, 2 anos ; que efetivamente utilizou o atleta em formação em competições oficiais não profissionais; que propiciou assistência médica, odontológica e psicológica, bem como a contratação de seguro de vida e ajuda de custo para transporte; que manteve instalações desportivas adequadas, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade, além de corpo de profissionais especializados em formação técnico-desportiva; e que ajustou o tempo destinado à formação dos atletas aos horários do currículo escolar ou de curso profissionalizante, exigindo o satisfatório aproveitamento escolar.

Nessas circunstâncias, o ressarcimento será no valor de 15 vezes o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de 16 e menor 17 anos de idade; de 20 vezes o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de 17 e menor de 18 anos de idade; de 25 vezes o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de 18 e menor de 19 anos de idade; e de 30 vezes o valor anual da bolsa de aprendizagem comprovadamente paga na hipótese de o atleta não profissional ser maior de 19 e menor de 20 anos de idade.

Portanto, a Lei prevê algumas vantagens para o time de futebol que forme o atleta, o que se nos afigura nada mais justo, haja vista o investimento que foi perpetrado, devendo haver a possibilidade de se colherem os frutos do investimento.

O QUE DEVE FAZER A ENTIDADE ESPORTIVA PARA GARANTIR OS DIREITOS DOS JOGADORES

Enquanto o atleta não é tido como profissional, sua qualificação é de não-profissional (art. 3º, par. ún., II, da Lei nº 9.615/98). Nesta qualidade, o mesmo, por não ter vínculo contratual com o clube, fica numa zona extremamente "cinzenta" e que muito celeuma causou aos clubes. Isto porque o vínculo que estes atletas tem com o clube acaba sendo apenas a ficha de inscrição que vai para a federação estadual para a disputa dos campeonatos juvenis ou juniores, por exemplo, o que não dá aos clubes uma forma efetiva de garantia quanto a estabilidade do jogador. Assim, são inúmeros os casos de jogadores que abandonam seus clubes e transferem-se para outros sem que o primeiro tenha garantido uma indenização por tal transferência.

Dentro deste contexto, só restou aos clubes uma solução para protegerem-se quanto a "fuga" de seus atletas não-profissionais: realizar contratos de trabalhos com os mesmos, dentro do prazo máximo estabelecido em lei (5 anos), **tornando-os profissionais**. Isto

sem dúvida gera e gerou um alto custo para as entidades, pois traz como consectário vários **encargos trabalhistas e previdenciários**.

Primeiro contrato: Após 16 anos no máximo de 3 anos com prorrogação de mais de 2 anos (mas o jogador não é obrigado a assinar a prorrogação), mas se ele for transferido para profissionalizar em um outro clube, existe a indenização por formação.

SE O JOGADOR FOR MENOR DE IDADE, COMO DEVE FAZER O CONTRATO PARA GARANTIR.

Por ser o jogador menor de 16 anos, o clube para garantir os direitos, deve fazer um contrato de Cessão de Direitos de Imagem de até 5 anos com o clube, inclusive pegar uma autorização dos pais, **para uso desta imagem**.

O trabalho de menor de 16 anos é nulo, salvo na condição de aprendiz, mas ainda assim que exige –se que tenha pelo menos, 14 anos de idade.

Exemplo do SFC:

O assédio dos clubes europeus aos jogadores do Santos não está restrito só aos profissionais. As promessas santistas das categorias de base também despertam o interesse dos times do Velho Continente, que vem nestes jovens, oportunidades de revelar um novo Robinho ou um novo Messi.

E é por causa disso que equipes como Sporting Lisboa e Benfica tentaram contratar Victor, do Mirim do Alvinegro Praiano. No entanto, os santistas foram mais rápidos e trouxeram o jogador, de 13 anos, em agosto do ano passado para o clube.

Apesar disso, agora o Peixe pode ver o garoto se transferir para a Europa. Um grupo de empresários ligados a Internazionale de Milão se reuniu com o pai de Victor, Nelson Andrade, para fazer uma proposta. A oferta dos italianos é tentadora: € 200 mil (R\$ 569,5 mil) para tirar o garoto do Peixe e ainda um salário mensal de 4 mil euros (R\$ 11,39 mil) aos pais dele para que fiquem morando na Itália.

Em contrapartida, a diretoria santista nega ter recebido qualquer tipo de proposta pelo atleta, alegando que **Victor tem um contrato de cessão de imagem que prevê pagamento** de multa em caso de **rescisão**. O valor não é revelado. A intenção do Alvinegro Praiano é fazer Victor continuar na Vila Belmiro até os 16 anos e, então, fazer com que ele assine o seu primeiro contrato como profissional com o Santos.

Este tipo de situação não é novidade para o Peixe, que há anos sofre com o assédio da Europa sobre suas principais estrelas da base. Até hoje, o clube vem obtendo êxito na manutenção de suas jovens promessas. Neymar, Jean Carlos Chera e Geovane já receberam sondagens para deixar o Brasil e se mudarem para outro país.

Geovane, atacante do Juvenil e que já foi convocado algumas vezes para as seleções brasileiras de base, passou por uma situação parecida com a de Victor, quando quase se transferiu no ano passado. Vindo do Cruzeiro após realizar testes no Mallorca e na Lazio, o avante passou um período na Europa realizando testes no Arsenal. Sem acordo

na Inglaterra, Geovane voltou ao clube, onde renovou contrato e passou a ter a sua imagem explorada em ações de marketing dos alvinegros.

O mesmo já havia acontecido com outras promessas santistas. Neymar foi o precursor dessa caçada dos grandes times europeus aos ‘Meninos da Vila’. Em 2006, o empresário Wagner Ribeiro, que representa o atleta, tentou levá-lo para o Real Madrid. O jogador chegou inclusive a assistir a um jogo dos merengues e conheceu alguns ídolos da equipe na época, como Ronaldo e Zinedine Zidane. No entanto, apesar da tentativa, a vontade de Neymar falou mais alto e ele permaneceu no Santos.

Jean Carlos Chera é outro que a todo momento é cogitado para sair do clube. Com apenas 13 anos, o meia treina no time Infantil do Alvinegro Praiano e as propostas não param de chegar. Ajax, PSV, Milan, Bochum, Porto, Mallorca e Valência já procuraram o pai e empresário de Jean, Celso Chera, com ofertas para levarem o garoto para o exterior. Mas até agora, nenhuma convenceu os dois a se mudarem para a Europa.

PRIMEIRO CONTRATO PROFISSIONAL E/ OU MENOR DE 18 ANOS

Jogador profissional no Brasil, somente a partir de 16 anos.

Não se registra contrato menor de 16 anos, na CBF ou Federações estaduais.

O trabalho de menor de 16 anos é nulo, salvo na condição de aprendiz, mas ainda assim que exige –se que tenha pelo menos, 14 anos de idade. A entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com esse, a partir de dezesseis anos de idade, o primeiro contrato de trabalho profissional, cujo prazo não poderá ser superior a cinco anos (sendo o primeiro contrato com 3 anos e 2 como renovação)

Na prática o clube assina o contrato de 03 anos e obriga o atleta fazer um contrato de gaveta (por mais 2 anos) Se o atleta ter sucesso e sair bem, ele saca o contrato de gaveta, mas se o jogador não adaptar é feita a sua rescisão .

O contrato profissional do atleta respeita as regras gerais da legislação trabalhista em termos de direitos (salário, férias, 13º salário, FGTS, aviso prévio quando o contrato for por tempo determinado, recolhimentos previdenciários etc.).

Após essa fase, que dura até 3 anos, o atleta continua vinculado ao clube pela preferência que a lei lhe garante para a renovação contratual. Depende, portanto, do desejo do empregador a permanência do atleta no clube. Se após o primeiro contrato, de 3 anos, o **clube “formador”** não se interessar mais pelo atleta, este poderá ser contratado por qualquer outro clube, sem qualquer impedimento. Este contrato seguirá a norma geral, sendo temporário e de duração entre três meses a cinco anos (art. 30 da lei Pelé)

Na mesma situação estará aquele atleta que se manteve no clube de origem até o final do seu segundo contrato. Aí não haverá mais preferência e o jogador estará livre para optar pela melhor proposta, isto é, pelo clube que lhe oferecer as melhores condições.

Direito de Preferência

Uma questão pode ser levantada quanto ao **direito de preferência**: se um atleta “formado” em um clube A, findo o primeiro contrato de dois anos, recebe uma proposta

do clube B, bem melhor que a oferecida pelo clube A, que tem a preferência, qual deve ser o procedimento do atleta?

Nos parece que se a diferença entre as propostas for gritante em termos de benefícios para o atleta, e se a preferência do clube A prejudicar em demasia o atleta, este poderá recorrer ao judiciário em busca de uma decisão que o libere do clube A, possibilitando o contrato com o clube concorrente.

A lei geral do desporto estabelece nos seus artigos 28 e 30, que o contrato de trabalho do atleta profissional será formal, ou seja, por escrito e com prazo determinado entre outras peculiaridades, **principalmente que o contrato seja datado com o próprio punho do jogador, sob pena de invalidade ou nulidade do mesmo, a data não pode ser datilografada**, isto é, tem de ser de próprio punho.

Também não poderá existir um contrato **de trabalho** entre atleta e pessoa física (**Empresário/ Agente**), **atleta e uma empresa ou entidade que não seja clube**. Só existe contrato de trabalho entre atleta e clube (Direitos Federativos)

COMO AVALIAR UM JOGADOR, TANTO INFANTIL COMO JUVENIL PARA VER SE TEM O DEVIDO TALENTO PARA SE TORNAR JOGADOR?

Existem inúmeros testes para se avaliar um atleta dessas categorias, mas poucos são os testes para identificar possíveis talentos. No caso específico do futebol, existem inúmeros fatores que influenciarão na carreira esportiva de um garoto, desde a pressão e apoio dos pais, até oportunidades encontradas. Já tivemos muitos casos de garotos que eram promessas quando pequenos e nunca se tornaram atletas profissionais e o outro lado também, garotos que eram discretos e tornaram-se excelentes profissionais.

A experiência que você irá adquirir com o passar dos anos lhe auxiliará muito na identificação desses talentos, o chamo olho clínico ou feeling. Para os esportes individuais é mais fácil identificar esses futuros talentos, existem testes maturacionais que podem indicar se o jovem vai ser alto ou baixo, se tem potencial ou não. mas na maioria dos casos é muito difícil ou quase impossível ter certeza se o garoto será um craque ou não. O que você pode saber é se ele já teve o estirão de crescimento ou não, pois na fase do estirão o garoto irá apresentar um decréscimo na coordenação, isso pode parecer para que não conhece uma falta de habilidade, mas é momentâneo.

Diariamente encontramos possíveis talentos para o futebol, mas fatores pessoais, sociais, físicos, técnicos, psicológicos, maturacionais e outros poderão influenciar positiva ou negativamente nesse garoto.

A LEI FACILITA TAMBÉM A SAÍDA DOS MAIS JOVENS?

A lei diz que o jogador pra ir para o exterior precisa ter no mínimo 18 anos. Assim, os clubes fazem contratos quando ele tem 16 anos por 3 anos e, quando ele atinge a maioridade, prorrogam até 21 anos. Um menor, teoricamente, não pode ir para o exterior. Mas existe uma brecha na lei que permite que os jogadores menores saiam do país, como aconteceu no caso do Anderson, do Grêmio [seus pais foram empregados pelo Porto, e o atleta pôde ser inscrito por ter pais “trabalhando” em Portugal (mas acabou recuando e só foi depois que completou 18 anos)]

Trabalho com família de atletas é importante para sua formação profissional

Durante o processo de formação de jovens atletas vários aspectos são observados. Os treinadores procuram passar as primeiras noções táticas, os primeiros trabalhos físicos buscando sua preparação. Eles têm contato com competições e começam a ganhar destaque entre os amigos e familiares. E justamente esse aspecto não pode ser deixado de lado: o trabalho direto com o ambiente externo dos garotos.

Esse trabalho é fundamental para evitar que o atleta em formação tenha sua carreira prejudicada por excesso de vaidade ou até por se “contentar com pouco”. A partir do momento em que ele entra em uma escolinha de futebol de um grande clube, esse garoto já pode se destacar em seu colégio ou até na comunidade.

“É muito comum observar esse tipo de situação. O menino disputa o primeiro campeonato com a camisa de um time grande, marca seus ‘golzinhos’ e pronto, já é a estrela do bairro. Já vai andar pela sua rua com o ‘peito estufado’. Mas isso é muito pouco e esse ‘estrelismo’ só vai prejudicar sua carreira”, afirma Evandro Mota, consultor e palestrante na área motivacional e de melhoria de performance.

Muitos dos garotos que estão nas categorias de base nem mesmo chegam a profissionalização. O comodismo com uma determinada situação, a cobrança e falta de apoio dos familiares são fatores que influenciam nessa trajetória. Por isso, um trabalho direto com as famílias, que pode ser feito por assistentes sociais ou por psicólogos pode ser determinante para preparar atletas do futuro.

“O cenário ideal seria um acompanhamento constante da atuação dos familiares na formação dos jovens atletas, mas a gente sabe que isso é muito difícil. Muitos garotos viajam quilômetros para entrar em um clube e deixam as famílias em sua cidade natal. Mas mesmo assim existem alternativas de conversas por telefone ou até mesmo por meio dos atletas”, explica Suzy Fleury, psicóloga com atuação em diversos clubes de futebol.

Segundo os especialistas, os principais aspectos que devem ser conversados com as famílias dos atletas são a motivação e as cobranças. Exigir que os garotos se transformem em craques só atrapalha sua formação. Ao mesmo tempo, passar a “mão na cabeça” ou não reprimir o excesso de vaidade também é prejudicial.

“Os dois fatores podem acabar com a carreira dos meninos. Acima de tudo não podemos esquecer que se tratam de crianças e de famílias humildes. O trabalho dos assistentes sociais e dos pedagogos é fundamental na formação. Se existir a oportunidade de conversar com os familiares uma vez a cada mês, dois meses, seja por telefone ou pessoalmente, deve ser feito sempre”, conta Suzy Fleury.

A conversa deve ser sempre franca e clara. Muitos garotos têm origem humilde e os assuntos devem ser o mais simples possível e repletos de exemplos práticos, para o fácil entendimento.

Empresários ligados ao Inter de Milão de olho em revelação do Peixe

Padrasto do jogador já se encontrou com representantes do clube italiano em Santos. Diretoria alvinegra nega ter recebido qualquer contato



Victor é meia atacante e treina no time sub-13

Empresários seguem de olho nos garotos das categorias de base do **Santos**. Depois de Neymar, do time sub-17, e Jean Carlos Chera, que treina no sub-15, agora é a vez do garoto Victor, de 13 anos, ser assediado por um grupo que está disposto a levá-lo para a Itália, para treinar no Internazionale de Milão. Victor não tem empresário. Seu padastro, Nelson, e a mãe, Christiane, é quem negociam. Eles estiveram reunidos com representantes do clube italiano em um restaurante de Santos.

Os italianos querem pagar 200 mil euros (R\$ 569,5 mil) para tirar o garoto do Peixe e ainda oferecem um salário mensal de 4 mil euros (R\$ 11,39 mil) aos pais do jogador para que eles fiquem morando na Itália.

A diretoria santista, por outro lado, nega que tenha recebido qualquer proposta pelo jogador e afirma que Victor tem um contrato de cessão de imagem que prevê multa em caso de rescisão. O valor não é revelado. A intenção do Peixe é fazer com Victor o que fez com Neymar: segurá-lo até os 16 e, então, formalizar um contrato profissional com o garoto.

Victor Andrade é meia-atacante e chegou à Vila Belmiro em setembro de 2007. Ele foi descoberto durante a Copa Aveiro, disputada em Portugal no ano passado, da qual foi vice-artilheiro e melhor jogador, defendendo o **Vitória**. Em seguida, o garoto foi procurado por dirigentes do Peixe e acabou acertando contrato com o Alvinegro.

COMO DETECTAR TALENTOS ESPORTIVOS E SELECIONAR JOGADORES

Por mais que os conceitos trabalhados no esporte, principalmente na atualidade, sejam o da confraternização e da disputa limpa, a competitividade está sempre presente. Isto desde as categorias de base, quando o garoto precisa ser melhor que os outros para ser escolhido para fazer parte do time.

O desempenho tem fundamental importância até mesmo entre as crianças. Joga quem é melhor. Mas como selecionar garotos sem cometer injustiças? Como escolher o posicionamento de um garoto que ainda não está totalmente desenvolvido? E

principalmente, como não cometer injustiças [ou até erros] na hora da seleção, correndo riscos de “perder” talentos para outras equipes.

Estamos falando sobre clubes de futebol profissionais, que possuem suas escolhinhas e suas categorias de base, sendo preparadas para o profissionalismo. O direito à prática do esporte, como recreação, é sagrado para todos. Tanto para os habilidosos quanto aos pequenos “pernas de pau”.

Segundo o livro “Futebol, Uma Visão da Iniciação Esportiva”, de Fabrício Filgueira, a seleção durante a iniciação esportiva é um equívoco. Para o autor existe uma dificuldade muito grande para se identificar talentos esportivos durante a iniciação e isto pode gerar erros.

As crianças podem ser divididas, de maneira geral, naquelas com um desenvolvimento biológico precoce ou tardio. Isto não é nenhum problema, mas existem garotos que com dez anos já demonstram talento e outros que só vão começar a apresentar alguma técnica no esporte depois de anos de prática.

Alguns ídolos atuais, como Kaká e Robinho, foram reservas de suas equipes durante as categorias de base. Por possuírem um físico franzino, os dois atletas eram preteridos dos times principais para a entrada de outros meninos, que talvez hoje em dia nem estejam disputando partidas como profissionais.

“A seleção [de atletas] é muito difícil. O ideal seria ter um tempo para trabalhar com os garotos, poder observá-los no dia-a-dia, mas nem sempre isto é possível. Acabamos escolhendo muitas vezes apenas pelo que vemos no momento. Em outros casos pelo porte dos jogadores, velocidade e até pela experiência pessoal”, afirma Zé Sérgio, técnico do Sub-15 do São Paulo.

Na busca por talentos em início de carreira, na tentativa de não deixar escapar futuros craques, os treinadores, mesmo que em um período curto, tentam encontrar nos garotos capacidade física, funcional, motora e psicológica.

O futebol não é um esporte simples, por mais que pareça, e a metodologia que deve ser implantada deve se adequar à idade da criança. Para o período de seleção e formação é importante trabalhar: a consciência corporal, coordenação motora, flexibilidade, ritmo, agilidade, equilíbrio e a percepção espaço-temporal.

No livro “Formação de Esportista”, o autor Valdir J. Barbanti, ainda lembra que as tradicionais divisões por idade podem prejudicar a escolha de jogadores. Crianças que possuem a mesma idade cronológica podem apresentar uma variação de até três anos no desenvolvimento físico.

“Um garoto alto sempre chama a atenção nos processos de seleção, mas este não é uma certeza de que ele fará parte do grupo. Os fatores fisiológicos, psicológicos e até sociais têm que ser levados em consideração. Um garoto pode não estar bem alimentado na hora do teste e isto com certeza vai prejudica-lo”, completa Zé Sérgio.

Os profissionais precisam ter consciência e competência para buscar caminhos coerentes na iniciação esportiva. Uma única avaliação, que na maioria das vezes é

rápida demais, não pode ser definitiva para a seleção. O ideal é separar o grupo que se destaca logo de cara, mas também manter as esperanças do segundo grupo. Uma conversa com os garotos pode significar mais que um rachaço de 30 minutos.

COMO OS CLUBES CONTRATAM

Aproxima-se o início dos campeonatos e, mais uma vez, não ficam dúvidas: os clubes estão completamente reféns dos empresários na compra e venda de jogadores. Não dão um passo sem eles.

Os empresários são uma realidade no futebol atual e os clubes precisam deles para conseguir jogadores para um elenco.

Entre os clubes de maiores torcidas, os métodos de contratação (depois do advento da lei Pelé) teve um certo comodismo faz com que só se contratem reforços apresentados por Agente ou Procuradores.

No passado, os clubes iam, anualmente, colher as revelações dos times do interior. Compravam e integravam ao seu elenco bons reforços. Era toma lá, dá cá. Agora não dá mais.

Porque os clubes não têm um escritório de prospecção estruturado como uma prioridade da sua organização. Tanto para um reforço normal como para uma grande estrela, o reconhecimento e contratação de um talento implica um trabalho estruturado a longo prazo, o que a maioria dos clubes, não querem investir, depois reclamam dos empresários.

Nesse futebol moderno, o clube interessado precisa falar primeiro com o clube que detém os direitos federativos do atleta. Agora, se o contrato faltar **06 meses para vencer**, o clube deve procurar o empresário do jogador, para discutir as bases salariais.

Como o empresário contrata o jogador?

Nas categorias de base: a maior parte deles é através da propaganda boca a boca. Muitas vezes o jogador que já é contratado orienta o próprio empresário: "Eu jogo com *Fulano*, que é muito bom e não tem procurador nenhum, pode ir falar com ele".

Entre os profissionais: Por indicações de amigos do empresário e a mesma propaganda boca a boca.

Em ambos os casos é importante frequentar torneios, treinos, campeonatos de futebol de base principalmente, dessa forma você irá se expor e poderá descobrir novos talentos.

TESTES EM CLUBES

Muitos clubes grandes, aceitam indicação de empresários ou ex jogador para autorizar que um atleta faça testes no clube, sem nunca vê-lo jogar – É comum que o jogador seja submetido a um período de avaliação.

Tem clubes que não deixam vaziar esta informação e mantêm sigilo nestes tipos de testes. Lá fora isto é muito comum os jogadores desconhecidos submeter a isto.

Muitos clubes contratam reforços para o juvenil ou o TIME B

Visando reforçar sua base, os grandes clubes acertam a contratação de jogadores jovens para integrar a equipe juvenil de seus clubes.

Geralmente, os jogadores tem acima de 16 anos e já atuaram, na seleção brasileira ou são destaques em seus times profissionais. Todos eles realizam testes e, caso seja aprovado, serão utilizados nas categorias de base ou no time B, ou poderão até serem emprestados em parcerias para outros clubes para pegar experiência e disputar campeonatos .

Testes e garimpagem dos clubes

No caso de avaliação ou teste realizado pelo clube, hoje está cada vez mais difícil o clube bancar tudo - Tem caso que o jogador é bancado por conta do empresário. Caso o atleta mostre talento e for aproveitado pelo clube, cabe o Agente impor uma fatia maior nos direitos econômicos do atleta ou até negociar uma luva na colocação do atleta.

Além disso, os agentes costumam oferecer: ajuda de custos aos atletas que ficam três meses desempregados, cestas básicas para os familiares, materiais esportivos, (chuteiras, bolsas, camisas, etc...), planos de saúde para atletas desempregados, assessoria de imprensa, e mantendo sempre contatos que facilitem convocações para as seleções das várias categorias.

TIME B

Muitos clubes, em qualquer parte do mundo, contratam o atleta para fazer parte do grupo. No decorrer dos jogos, treinamentos, campeonatos, treinador novo, dispensa para empréstimo, reformulação técnica - Há uma divisão onde o **TIME A** que é o elenco principal e o **TIME B**, que fica treinando em separado.

É uma espécie de "vestibular" para definir os jogadores que continuam no elenco principal, para início de temporada ou para pegar experiência para subir para o time principal.

A maioria dos clubes trabalham com **25 jogadores** (sem os goleiros) nos profissionais. O **TIME B**, não faz parte do elenco principal, mas fica a disposição do treinador, para uma eventual necessidade e todos estão inscritos no BID.

O **TIME B** continua trabalhando normalmente, com outro treinador, disputando campeonatos locais e fazendo excursão para países sem potencial futebolístico (Ex. Índia, Austrália, etc) ou ainda disputam a segunda divisão local. A idéia também é aproveitá-los em algum troca-troca antes do início dos Campeonatos. Caso não haja mercado para nenhum deles, seus contratos serão rescindidos.

Quando o atleta é dispensado e não faz parte dos planos do clube, a equipe arca com seus salários até que apareça um clube interessado em adquirir seus direitos federativos. Quando o elenco está inchado e de baixo nível técnico, o correto é promover algumas mudanças em seu plantel principal para a seqüência da temporada. Jogadores que não vêm recebendo uma oportunidade podem passar a integrar o time B ou ser colocado a disposição para buscar outra equipe, principalmente em início de temporada, onde as contratações são rápidas.

A idéia dos grandes clubes é contratar um jogador jovem que dê lucro no futuro.

Veja este exemplo de planejamento do TIME B (10/05/2007)

Para evitar casos como o de Iلسinho e Pedro, o Palmeiras reformulou o seu time B. Agora, atletas 'de idade mais avançada' não fazem mais parte da equipe, apenas os mais jovens.

"O jogador de 26 anos não deveria estar mais na equipe. Se não vai defender o clube, tem de ir para outro lugar. E o garoto deve ser aproveitado para não ficar preso", afirmou o vice presidente Gilberto Cipullo em dezembro de 2006, logo depois de voltar à cúpula palmeirense.

O técnico Caio Júnior tem procurado dar oportunidade aos jovens do B. "Estou dando chance para todos eles. Estamos implantando uma filosofia nova e queremos colocar o B junto com a gente, porque eles também são profissionais. Quando cheguei, achei um absurdo o time ter jogadores de 25 anos", comentou o técnico do Verdão.

"O [Luiz Carlos] Cruz, técnico do B, está implantando um esquema de jogo parecido com o nosso. Esse trabalho vai dar frutos, prova disso é que o Valmir teve sua chance e está no time principal", acrescentou.

Tem clubes que vive de negociações para recheiar os cofres e diminuir a folha salarial. Atletas considerados com futuro promissor, mas que ainda são considerados inexperientes, devem ser liberados.

ASSINATURA DO CLUBE COM O JOGADOR

Jogador nenhum pode assinar o seu contrato isoladamente, sem a presença de seu Agente ou Advogado ou procurador - Se ele fizer isto é quebra de confiança e não vai dá para trabalhar com jogador com este tipo de atitude.

O Agente tem que ficar atento e acompanhar sempre o jogador na assinatura do contrato. Ele já tem que ter em mente uma proposta. "O papel do empresário não é só negociar com dirigentes, é gerenciar carreiras. Tudo que o clube oferecer tem que ser repassado para o jogador.

A legislação atual permite que um **jogador assine um pré-contrato** com outra equipe quando faltarem apenas **seis meses para o término** do vínculo dele com a equipe atual..

Para um pré-contrato ter validade ele precisa ser assinado seis meses antes do término do contrato que está em vigor, senão ele não tem validade nenhuma.

Um contrato de trabalho entre atleta e clube, **não tem validade alguma** quando o mesmo **tem a data datilografada** (A data tem que ser de próprio punho) Só é válido um contrato de trabalho entre atleta e clube quando o mesmo tem a data escrita pelo próprio punho do atleta.

Se o jogador ainda estiver vinculado a um clube **A** e um determinado clube **B** que quer contratá-lo pode fazer um Pré-contrato, acertando tudo, mas somente pode anunciar o jogador depois da rescisão com o Clube **A** e a assinatura definitiva do contrato, bem como também os exames médicos.

Quem deve anunciar tudo isto é o Diretor do Clube e nunca o Agente. O Agente tem que manter sigilo em toda negociação.

Nunca o Agente aceite uma proposta inicial, a tendência é o clube aumentar a proposta. Neste caso é feito o pré-contrato e através do Agente, onde o mesmo negocia ou força a rescisão antecipada com o seu clube. O jogador nesta situação deve abrir mão de salários restantes, direito de imagem, etc com objetivo de pegar o atestado liberatório para assinar com o outro clube o mais rápido possível.

Cuidado com o Pré – contrato - Muitos Agente e jogadores são induzido a assinar um pré-contrato, mas quando chega no clube não era o que lhe haviam prometido, principalmente no exterior onde praticamente não existe o contrato em nosso idioma. A Fifa exige que o documento também esteja no idioma do atleta, se não ocorrer isto, o contrato é nulo e não vale nada.

O Agente tem que ficar atento com o clubes no caso de **Contrato de Gaveta** contra clubes que colocam papéis em branco no meio dos contratos para que os jogadores assinem. Tal manobra fraudulenta, é criminosa, e tem por objetivo sórdido incluir cláusulas de renovação automática.

Quando você menos espera, o contrato já foi renovado e o jogador já foi registrado no BID, sem autorização do jogador ou do Agente, isto quer dizer que o clube tinha um contrato de gaveta e que foi assinado, quando o jogador chegou ao clube.

COMO SELECIONAR JOGADORES A SEREM CONTRATADOS

O Agente de jogadores, empresário não é técnico de futebol, mas ele tem que desenvolver critérios que facilitam a busca de jogadores para formação do elenco em futuros clubes.

Problema de peso de jogadores

Nestes casos se tem pouco tempo para se trabalhar e é importante trazer jogadores que não estejam com problemas de peso”, 72 quilos uma boa média. Se um profissional estiver três ou quatro quilos acima do peso, vai demorar para estar apto ao jogo.

Altura dos atletas.

A preferência é por aqueles de uma estatura mais elevada, uma vez que no futebol atual uma bola parada define a partida. “Os volantes de zagueiros devem ter em média 1,85m, já os meias 1,79m, enquanto os alas podem ser mais baixos, na casa do 1,72m. No ataque a média é de 1,76m, sempre com duas ou três peças de velocidade e outra de referência, para fazer o pivô”.

Informações fisiológicas possíveis dos jogadores que vai contratar.

Saber sobre a resistência orgânica, força e velocidade é também fundamental para montar o elenco. Quanto ao limiar aeróbico, os jogadores no início da temporada atingem 13,8, valor que melhora no decorrer do ano.

Média de idade

É fundamental ter uma média de idade na casa dos 25 anos, misturando jogadores da base com outros mais experientes. “A mescla é fundamental já que são os atletas com mais vivência que fazem a diferença nos momentos mais difíceis.

Histórico médico

O histórico médico é outro ponto que deve ser lembrado. Conhecer o histórico dos jogadores, saber se ele já teve lesões musculares ou passou por cirurgias é essencial quando se tem pouco tempo e dinheiro. “Perder um jogador em uma equipe onde eles podem ganhar até R\$ 30 mil é complicado”, disse.

Avaliação oftalmológica

É importante considerar também a avaliação oftalmológica fundamental não só para o goleiro. “Uma vez, fizemos um treino com três equipes em campo, então descobrimos que um dos atletas era daltônico, já que não conseguia diferenciar as cores dos uniformes”, completou.

Extracampo

O lado extra campo do jogador a ser contratado. Saber se ele tem família, filhos, se é casado, onde nasceu, sua conduta fora dos gramados e o relacionamento em equipe é apontando com outro ponto de destaque. “Isso facilita seu planejamento. Às vezes o cara é casado e tem filho pequeno e não consegue dormir direito de noite. Então se pode tentar fazer alguma coisa, como antecipar a concentração. Alguns times, os jogadores solteiros concentram dois dias antes de cada partida e os casados somente na véspera.

Equipes que o atleta passou

É importante também saber por quais equipes ele atuou, onde foi formado e se tem condições de jogar em mais de uma posição, para poder sempre que preciso colaborar com a equipe. Às vezes não é bom trazer um atleta que tenha sido rebaixado duas ou três vezes, já que ele pode carregar um espírito mais pessimista. É importante ter sempre jogadores com perfil de vencedor, que ajuda a incentivar o time”.

Presença de jogadores de empresários nos clubes

Jogadores de empresários, geralmente, muitas vezes tem contratos mais curtos e podem deixar o elenco a qualquer momento, principalmente na abertura das janelas de contratações na Europa. É interessante ter pelo menos 50% dos atletas vinculados

diretamente ao clube. Os empresários são fundamentais para formar o time, mas é sempre importante ter contratos mais longos, para disputar os campeonatos principais.

Crenças religiosas

É importante ficar atento também as crenças religiosas dos seus profissionais. “Não tenho nada contra se ele é católico ou evangélico. É só preciso ter cuidado para ver se isso não influencia dentro de campo. Tem grupinhos de jogadores evangélicos que não conversam com outros jogadores do elenco.

Número de jogadores do elenco principal

O elenco do ideal deve conter entre 25 e 28 jogadores, com três goleiros.

A equipe de trabalho padrão de um treinador (Equipe média da Serie B)

- Gerente de Futebol , - Supervisor de Futebol
- 2 Assistentes Técnicos e - 2 Preparadores Físicos
- 2 Médicos , - Fisioterapeuta, - Fisiologista
- Preparador de Goleiros, - Nutricionista
- 2 Massagistas e - 2 Mordomos
- 2 Seguranças e 01 - Assessor de Imprensa

A QUESTÃO DAS ACADEMIAS PRIVADAS / ESCOLINHAS DE FUTEBOL

Ainda sobre a questão da proteção e desenvolvimento de jovens jogadores e proteção de clubes formadores, sobre a qual nos debruçamos em algumas das colunas anteriores. Ainda nos resta falar sobre um importante tema: as academias privadas de futebol.

Como sabemos, cada país tem a sua realidade e deve encarar os problemas que surgem conforme a sua situação específica.

No mundo do futebol, há países em que os clubes são economicamente fortes e possuem seus departamentos de base muito bem equipados. É o caso, por exemplo, da Inglaterra. Em outros países, muitos clubes mal conseguem sustentar a categoria profissional, e, assim, não dispõem de um centavo sequer para investir na formação de jogadores.

Nesse cenário, aparecem as academias privadas. São, geralmente, escolas de futebol que encontram-se fora da, digamos, família do futebol. Cobram taxas de adesão e mensalidades dos alunos, e não participam de competições organizadas pelas federações (nacionais ou estaduais).

Dependendo da situação de cada país, e da efetiva atuação dessas academias privadas, elas podem contribuir com o preenchimento de uma importante lacuna deixada por clubes de futebol. Mas, por outro lado, também podem representar, se utilizadas de outra forma, grande ameaça para o *status quo* do negócio do futebol.

A Fifa tem manifestado grande interesse em regulamentar, fiscalizar e controlar essas academias, o que poderá resultar em importantes alterações nos regulamentos daquela entidade, em especial, do *Regulations on the Status and Transfer of Players*.

A preocupação encontra-se em duas frentes.

Em primeiro lugar, a formação de jovens reclama um conjunto de regras específicas. Os profissionais técnicos devem ser adequadamente preparados para lidar com jovens. A metodologia também. O acompanhamento psicológico e pedagógico deve ser feito de modo a acomodar a preparação física com a educacional.

Enfim, uma série de medidas devem ser tomadas para o acompanhamento adequado dos jovens. E, como as academias não estão oficialmente dentro da família do futebol, não há meios de fiscalizar tais práticas pelos órgãos competentes (no caso do Brasil, as federações).

Em segundo lugar, existe uma grande preocupação com o chamado “third party ownership” sobre jogadores. Em outras palavras, a Fifa está atualmente preocupada com a propriedade de terceiros (que não clubes) nos direitos sobre contratos de jogadores. Isso porque tais participações de terceiros acabam por (i) inflacionar o valor das transferências; e (ii) retirar dinheiro das transferências do meio do futebol (normalmente, o valor das transferências, líquido de comissões legítimas, deveria ser destinado apenas aos clubes, que o reinvestiria no próprio futebol, beneficiando outros jogadores, comunidade local, etc). No caso de terceiros, esse valor não é necessariamente reinvestido no futebol.

E essa segunda preocupação justifica-se aqui, uma vez que, muitas vezes, por trás das academias privadas estão empresários que pretendem lucrar com transferências de jogadores lá formados, sem terem ônus de clubes regulares (participar de competições oficiais, construir estádios, etc, etc).

É sempre bom lembrar que, no Brasil, essas academias prestam uma função importante, já que a quantidade de clubes com capacidade de desenvolver um programa de formação de jovens não consegue, nem de perto, suportar a grande demanda de jovens com interesse em praticar o esporte.

Por outro lado, as preocupações aqui mencionadas são legítimas, e podem ser aplicadas ao caso do Brasil. Temos que estabelecer regras mais rígidas.

É preciso cuidado, pois com formação de jovens jogadores, e conseqüente construção do futuro sustentável do futebol brasileiro, toda atenção sempre será pouca.

Vida de jogador: a hora de desistir

HUMBERTO PERON

Colaboração para a **Folha Online**

Diariamente milhares de meninos tentam iniciar a carreira de jogador de futebol. São inúmeras tentativas nas chamadas peneiras na esperança de conquistar um lugar num time. Talvez, muitos não percebam, mas são inúmeros jovens e famílias que fazem de tudo para ter uma chance.

E, quando eu falo tudo, inclui o esforço financeiro da família e o sacrifício dos adolescentes que param de estudar para ficar viajando pelo país em troca de uma oportunidade. Aliás, o caso da semana passada que mostrou adolescentes enganados por "descobridores de talento" em Belo Horizonte ilustra bem o caso.

Mas, mesmo passando pelo pequeno funil dos testes e conseguindo chegar a ter uma oportunidade num clube estruturado, não é garantia que a vida profissional estará garantida. Aliás, arrisco a dizer que se eles não estourarem, a vida desses jovens está perdida. Pois, ou vão ter que jogar em clubes que pagam --quando pagam-- salários muito baixos, ou vão ter que começar suas vidas sem ter nenhum conhecimento de outra profissão.

É uma situação difícil: aos 20 anos você descobrir que se tornou um inútil e que não vai conseguir mudar a sua vida e a de sua família. Recebo muitos e-mails de jovens e de jogadores com a carreira profissional no início que me pedem indicação de pessoas em clubes que eu posso indicar para que eles tenham mais uma chance na carreira.

Nesses casos não posso fazer nada, pois na minha função não posso ter um relacionamento tão íntimo com dirigentes e empresários para indicar algum jogador.

Uma vez, quando eu esperava o transporte que me levaria de um centro de treinamento de volta para a redação, o trânsito caótico de um final de tarde com chuva intensa em São Paulo era um sinal de que o carro demoraria a chegar. Numa época em que os celulares eram artigos de luxo, a comunicação com o motorista preso no engarrafamento era impossível. Só me restava esperar. Ao meu lado havia um jovem que, sentado, olhava para o nada.

Como não o conhecia e o time passava por uma fase de reformulação, arrisquei uma pergunta: "Você é jogador?"

"Era", veio uma resposta lacônica.

"Era? Como assim? Você não me parece alguém que não possa mais jogar futebol", argumentei.

"Pois é. Eu decidi parar. Vim acertar minha situação, rescindir o meu contrato e ver se eu tinha alguma coisa para receber", ele disse enquanto olhava para o horizonte.

Vendo minha cara de espanto, ele continuou a falar.

"Pois é. Só agora aos 23 anos eu percebi que não dava para ser jogador profissional. Eu poderia até enganar em vários times pequenos, jogar em times das divisões inferiores, mas a minha carreira não chegaria a nenhum lugar. Você começa a sonhar em ser um craque, ser milionário e ter um carrão, jogar na seleção. Mas em pouco tempo você percebe que não vai acontecer nada disso. Você começa a sentir que há algo de errado quando fica direto na reserva dos juniores. Você treina, espera a troca do técnico para ter uma nova oportunidade, o treinador é trocado e a chance não aparece.

Aí você estoura a idade e começa o inferno. Sem chances de subir para os profissionais, o clube começa a te emprestar. Lá vai você para lugares e times que nunca ouviu falar. Começa a vida de cigano. Você vive em alojamentos, come mal e não recebe. Eu ficava três meses num clube, eles não pagavam e eu voltava para cá. Lógico que eu nem treinava aqui e, logo depois, eles me emprestavam, de graça, para outro time. Mais sofrimento, mais alojamentos, mais falta de material, mais falta de estrutura e mais salários atrasados.

De vez em quando aparece um malandro oferecendo um time para jogar. Um me ofereceu um contrato no exterior. Só que ele queria ficar com metade do que eu iria ganhar. Outra coisa, eu tinha que pagar essa quantia adiantada e iria para um país que eu não conheço sozinho. Não dá para encarar isso. Já vi muitos amigos meus que foram enganados e passaram fome lá fora.

Não dava mais para eu me enganar. Com a minha idade eu não vou estourar mais. Tem um monte de cara que começou comigo fazendo sucesso e veja minha situação, eu estou aqui sentado sem saber o que fazer da minha vida. Vou voltar para a casa da minha família.

Vou ter que seguir a carreira do meu pai, ou seja, ser pedreiro. Infelizmente, vou passar a vida vivendo de bicos, não me resta mais que isso. Do futebol vai ficar só o que eu tenho nessa mochila. Uma camisa, dois pares de chuteira e algumas fotos. Não consegui sobreviver no meio do futebol'.

O meu carro chegou e eu fui embora. Nem descobri o nome do rapaz, mas até hoje me lembro de suas palavras e de sua coragem de romper o caminho de realizar um sonho que ele sabia que nunca poderia alcançar.

PROTEÇÃO AOS CLUBES FORMADORES

A discussão deste artigo, entretanto, é distinta: discutimos agora se existiria uma possibilidade de alteração legislativa que pudesse segurar jovens jogadores (de primeira linha ou não), que ainda não estivessem devidamente formados e prontos a enfrentar um mercado estrangeiro. Eu entendo que não. A saída para esse problema, em minha opinião, é outra.

O Brasil é o país da letra morta em termos legislativos. Temos em nosso sistema normativo centenas de milhares de normas jurídicas formalmente em vigor, mas que, na prática, na maioria dos casos, são absolutamente ignoradas.

A cada novo problema que o país enfrenta, os membros do Poder Legislativo e Executivo se movimentam para criar uma nova lei, ou alterar a então vigente, com o escopo de corrigir o problema. O resultado é o acréscimo desmedido de diplomas que não são respeitados pelos cidadãos, quer pelo oportunismo de alguns, quer pela efetiva impossibilidade de conhecê-las e entendê-las em sua íntegra.

E o que é pior, as próprias autoridades aparentemente também não as conhecem, e, como consequência, não exigem seu cumprimento e/ou punem o descumprimento.

Resultado: a legislação em vigor torna-se fraca, sem que o resultado prático esperado seja devidamente alcançado.

Essa filosofia deve ser aplicada ao caso de perda de jovens atletas a clubes estrangeiros. Entendo que não há qualquer legislação, por mais perfeita que possa ser elaborada, que venha a neutralizar a criatividade dos clubes poderosos de contratar atletas, cada vez mais jovens.

Assim, a medida a ser tomada é outra. É no campo prático, do dia-a-dia dos clubes.

As federações (a iniciar pela própria FIFA) precisam dar maiores condições e incentivos para que os clubes formadores possam garantir maiores atrativos a seus atletas. Esses clubes precisam passar por reestruturações, precisam melhorar as condições dos seus atletas de base em termos de alimentação, saúde, educação e treino.

E não se trata apenas de recursos a serem repassados aos clubes. Estamos falando em know-how principalmente (a velha história do dar o peixe ou ensinar a pescar).

Os clubes precisam aprender a faturar dentro da nova concepção do negócio futebol. Precisam desenvolver seus departamentos de marketing para melhor se relacionarem com seus torcedores, hoje seus clientes.

Desenvolver camarotes em seus estádios (mesmo que de forma bastante rudimentar, no caso de pequenos clubes do interior, mas que ainda assim poderiam representar importante fonte adicional de renda). Dentre diversas outras atividades.

Muito já se evoluiu e as federações vêm promovendo diversos seminários, simpósios, etc., com essa finalidade. Precisamos também de disposição para implementar mudanças por parte dos nossos dirigentes.

Só assim esses clubes poderão estar em situação confortável para dar maiores condições a seus jovens atletas das categorias de base.

Quando isso ocorrer, temos certeza que esses clubes terão mais chances de segurar, de forma natural, seus talentos de base (exceção feita, claro, àqueles casos excepcionais, como Kakás e Ronaldinhos), sem a necessidade de procedermos qualquer alteração legislativa.

Ou vocês acham que o São Paulo FC tem hoje o mesmo índice de perda de atletas em formação dos times menos estruturados?

Mecanismo de solidariedade

Um atleta que tenha passado por um clube de **12 a 23 anos** é considerado formado por ele

- De 12 a 15 anos, a indenização é de 0,25% por ano.

- De 16 a 23 anos, passa para 0,5% anuais.

- **É válido em transferências internacionais, até o fim da carreira.**

Artigo 21.º - Se um Profissional for transferido antes do termo do seu contrato, qualquer clube que tenha contribuído para a sua educação e formação receberá uma percentagem da compensação paga ao clube anterior (contribuição de solidariedade). As disposições relativas às contribuições de solidariedade constam do anexo 5 do Regulamento de Transferências.

Indenização por formação

Válido para atletas formados de **12 a 21 anos que** vão para o exterior no fim do contrato. Se tiverem até 23 anos, **clube é ressarcido pelo clube comprador.**

- A Fifa estabelece valores para as confederações a que pertencem os clubes de origem e destino do atleta. Varia de R\$ 43 mil a R\$ 250 mil por ano de formação, dependendo da classificação do clube.

Artigo 20.º - Uma compensação por formação será paga ao(s) clube(s) formador(es) do jogador:

(1) quando um jogador assina o seu primeiro contrato como **Profissional**, e (2) em cada transferência de um Profissional até ao final da Época em que **celebra o seu 23.º aniversário**.

A obrigação de pagar Compensação por Formação ocorre quer a transferência tenha lugar durante ou no final do contrato do jogador. As disposições relativas à Compensação por Formação constam **do anexo 4 do Regulamento de Transferências**

BASE DOS CLUBES PARANAENSES É ALVO DE INVESTIGAÇÃO DO MPT (01/12/2008)

Órgão quer coibir trabalho infantil nos times amadores do Estado prazo é de 60 dias para adequação

Em uma tentativa de regulamentar a participação de crianças e adolescentes nas categorias de base dos clubes paranaenses, o Ministério Público do Trabalho (MPT) tomou algumas medidas iniciais. E estabeleceu um prazo: 60 dias para todas as agremiações do Estado aderirem ao Termo de Ajustamento de Conduta (TAC).

Em reunião ocorrida com representantes dos clubes, o MPT abriu a discussão e realizou a cobrança para que sejam preservados os direitos dos aspirantes a atletas. A coibição da exploração do trabalho infantil é o grande alvo.

Segundo a procuradora Cristiane Sbalqueiro Lopes, investigações apuraram que muitos clubes formadores não respeitam as indicações da Lei Pelé e do Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelecem regras para a proteção de crianças e adolescentes.

“O atleta não tem garantia alguma. Por exemplo, o menino vem do nordeste para o sul, um mês depois o clube resolve mandá-lo embora. Ele trabalhou, teve de largar o estudo e ninguém se responsabilizou por isso. Se houver um contrato, o clube estará automaticamente obrigado a acompanhar a frequência do adolescente na escola, dar alimentação e condições de moradia”, explicou, em entrevista à *Gazeta do Povo*.

O TAC, entre outros quesitos, estabelece uma idade mínima de 14 anos para que o jovem possa ingressar nas categorias de base. Além disso, proíbe a ação de empresários e procuradores, obrigando os clubes a facilitar o acesso à escola – regras nos alojamentos e locais de reclusão nos centros de treinamentos e concentração também estão delineadas.

Atlético-PR, Coritiba e Paraná, representados por seus advogados, demonstraram reticência em relação às novas regras. A objeção básica se deu na falta de confiança do efeito da medida caso a mesma não seja adotada em todo o país. Dessa forma, os clubes paranaenses ficariam em desvantagem em relação aos demais.

Confira os principais pontos do TAC:

01 - Menores de 14 anos não podem permanecer em treinamento nas categorias de base nem participar de testes ou peneiras.

02 - Maiores de 14 podem fazer testes nos clubes, mas devem ter autorização dos pais ou responsáveis. O período de testes não pode ultrapassar a uma semana e deve ser gratuito.

03 - Se aprovado, o atleta deverá assinar um contrato formal de aprendizagem, com período mínimo de seis meses e máximo de dois anos, com a fixação de uma bolsa não inferior a um salário mínimo.

04 - A assinatura do contrato deve ser acompanhada exclusivamente pelos pais ou responsáveis pelo adolescente. É vedada a participação de agentes, representantes ou procuradores.

05 - Após o fim do período de aprendizagem, deverá ser assinado um contrato de trabalho profissional, como prevê a Lei Pelé.

06 - Os clubes devem se responsabilizar para que seus atletas freqüentem a escola, pelo menos até a conclusão do ensino médio, ter controle de freqüência e providenciar transporte escolar.

07 - Só poderão permanecer morando em alojamentos os jogadores que não possam se deslocar diariamente de casa até o clube. A permanência do atleta no alojamento deverá ter autorização dos pais. Os locais de moradia devem oferecer condições adequadas de alimentação, higiene, segurança e salubridade.

08 - Os clubes devem oferecer assistência médica, fisioterápica, odontológica, psicológica e de educação física aos atletas, além de contratação de seguro de vida.

09 - Em caso de parcerias, a responsabilidade de prestar assistência ao atleta continua sendo do clube.

10 - Os clubes devem oferecer condições para que os adolescentes que vêm de outras cidades visitem pelo menos cinco vezes por ano o seu local de origem

DIREITOS FEDERATIVOS

Valioso e oportuno se torna esclarecer, alto e bom som, que a legislação desportiva somente admite seja o próprio jogador, ou um clube de futebol, detentor de atestado liberatório de atleta profissional. Ninguém mais; quer pessoa física ou jurídica; e é essencial seja o clube vinculado a uma federação ou liga.

É justo, porém, lembrar que o famigerado "jeitinho brasileiro" sempre encontra um meio de "pular a cerca" da legalidade, driblando a lei, existindo agremiações de futebol profissional que têm, às escâncaras, verdadeiros donos, aparecendo elas apenas por ficção, como detentoras de liberatório de atleta, negociando com "passes".

“O jogador que começa com um contrato nos clubes aos 14 anos, quando vai assinar contrato de profissional aos 16, é 100% do clube.

Caso ele tenha algum contrato com um algum empresário, ele tem de resolver isso com o empresário, mas os direitos federativos são todos do clube ”,

As únicas exceções são jogadores indicados para chegarem como contratação ao clube com mais de 16 anos, já para assinarem contrato. Aí os empresários acabam tendo parte sobre o jogador. Caso contrário, ele não é contratado.

PROCURADOR DE ATLETA

Diferente é a posição do procurador de atleta: - ocorre a situação quando este concede uma procuração, por instrumento público ou particular, conferindo a alguém poderes especiais, quase sempre irrevogáveis e arretratáveis, expressamente para representá-lo, podendo em seu nome firmar contrato de prestação de serviços profissionais com um clube, ajustando "luvas", salários e prazo de duração.

O exercício desse mandato pode ser gratuito, porém o mais comum é ser oneroso, quando estabelece remuneração pelos valores que vierem a ser contratados; o mandato procuratório pode ser por prazo certo ou ter sua validade indeterminada.

EMPRESÁRIO DE JOGADOR

Pessoa física ou jurídica, atuando como intermediário entre atleta-clube, com contrato específico, estabelecendo uma porcentagem sobre os ganhos do jogador ("luvas", salários, empréstimos temporário, gratificações, participação financeira recebida no caso da transferência para outra agremiação) e até valores percebidos decorrentes de contratos de publicidade utilizando a imagem do contratante.

ATESTADO LIBERATÓRIO

Não existe atestado liberatório para jogador amador, mesmo que alguns clubes exija esta prática.

Pelo regulamento da FIFA - Se tem alguma transação internacional futura, todos os clubes têm uma participação referente à formação do jogador, pelo tempo que o jogador esteve no clube. (A partir dos 12 anos)

VIDA DE GADO

Como em quase todas as suas relações econômicas, o Brasil, no disputado mercado do futebol, é um fornecedor de commodities. Produzimos craques ou bons jogadores aos borbotões. Eles brotam País afora como cana e soja. E até o caminho do estrelato – ou da desilusão – são tratados assim, feito commodities, como frangos desossados ou partes de um belo corte bovino prontos a serem exportados.

Seduzidos pelo sonho da fama e fortuna, crianças e adolescentes, em pleno século XXI, e a despeito de imensos lucros de clubes e empresários que têm a sorte de revelar um novo Ronaldinho ou Kaká, continuam a ser submetidos a uma vida em condições precárias em times médios e pequenos.

Os craques do futuro são instalados em alojamentos mambembes e sem higiene, com alimentação de péssima qualidade. São afastados da família – às vezes até sem a autorização oficial – e da escola. Sobram denúncias de abuso sexual.

Nos grandes clubes existe a preocupação de matricular o jovem jogador em uma escola. Mas nem sempre há um acompanhamento adequado. Com o vai-e-vem de time e de cidade, são raros os que concluem os estudos. Nos clubes com menor

estrutura, a situação é pior. Os jovens são submetidos a cargas excessivas de treinamento e a uma enorme pressão psicológica.

A ausência do convívio familiar, a falta de estudo, a pressão e o risco de abuso sexual levaram o Ministério Público do Trabalho a fiscalizar a situação dos jovens atletas. Em São Paulo foram realizadas vistorias em vários clubes. Há um ano, um grupo de trabalho foi formado por procuradores de vários estados para analisar o problema em todo o País.

A intenção é regulamentar a atividade para as crianças e adolescentes. "Estamos preocupados principalmente com a situação dos menores de 14 anos. Muitos clubes não têm a infra-estrutura mínima para receber esses jovens e, muitas vezes, nem a autorização oficial dos pais", explica a procuradora Claudia Lovato Franco, do Ministério Público do Trabalho de São Paulo.

Jovens jogadores fazem graves acusações. "Sempre ouvi falar de casos de pedofilia nas categorias de base de grandes times", afirma R.M., 20 anos, ex-Corinthians e Portuguesa e hoje sem clube. "Alojamento sem higiene é coisa normal. Se a Vigilância Sanitária aparecer, ela fecha dezenas de clubes. Na Portuguesa Londrinense (PR), um amigo meu estava dormindo e um rato caiu em cima dele", conta R.

A.P., 19 anos, ex-Santos e também sem clube no momento, relata ter passado duas semanas na mesma Portuguesa Londrinense à base de arroz e pé de galinha, todos os dias. "À noite, a gente dormia no chão. E tinha de ficar com a bolsa e as roupas entre as pernas para não ser roubado", afirma. Segundo ele, atletas menores de idade da cidade saíam diariamente com homossexuais e recebiam 200 reais por programa.

CartaCapital visitou o alojamento da Portuguesa Londrinense, rebaixada neste ano para a Segunda Divisão do Campeonato Paranaense. Lá, os jogadores dormem em camas e beliches capengas com colchões velhos e sujos. Os quartos não estavam limpos e havia um forte cheiro de mofo e suor. "Aqui não tem nenhuma mordomia, nem quartos bonitos. Mas é limpo, sim. Uma vez por semana tem um cara meio ignorante aqui que bota a molecada para cuidar dos quartos e do corredor", diz Amarildo Martins, 45 anos, dono de um autopeças, presidente da Portuguesa e também do Cambé, da cidade vizinha de mesmo nome.

Ex-atleta do Operário de Campo Grande, Martins se define como um jogador razoável. "E a vida é difícil para quem é razoável", sentencia. Ele nega que seus jogadores só comam pé de frango. "Isso é uma coisa inventada por um jornalista da tevê de Londrina. Aí, passaram a falar. A base da alimentação é peixe e macarrão, que tem carboidrato para os atletas. Nem eu tenho macarrão na minha casa todo dia. Podem ter sobrado uns dois pezinhos de frango de vez em quando. Mas quem falou isso é o maior mentiroso da face da terra", rebate.

O presidente admitiu que homossexuais costumam rondar o alojamento do clube.

"Os gays sabem que aqui está cheio de garotos e ficam rondando. Mas o que eu posso fazer? Eu falo com os meninos, procuro conversar. Como sou evangélico (da Igreja do Evangelho Quadrangular), levo a palavra de Deus para eles. Sempre trago alguém aqui, de várias igrejas, para fazer a pregação", afirma.

São mantidos, no momento, no alojamento da Portuguesinha, como o time é chamado, 35 jovens das categorias júnior e juvenil. Os do infantil moram na região e não ficam alojados, garante Martins. Os atletas treinam pela manhã e à tarde. Já passaram pelo time craques como o goleiro Gomes (ex-Cruzeiro e hoje no Tottenham da Inglaterra) e os zagueiros Anderson e Miranda (São Paulo). Martins é um dos principais fornecedores de jogador do time paranaense do Irati, um dos preferidos pelo técnico Vanderlei Luxemburgo, do Palmeiras, para garimpar contratações.

O sonho dos jovens jogadores da Portuguesa, como os de outros clubes do País, é jogar na Europa. Depois, a seleção brasileira. Martins diz que os orienta a não interromper os estudos. Mas a maioria parece não seguir o conselho. "Estou aqui há sete meses. Parei de estudar no terceiro ano do ensino médio", admite Willians Fernandes Vieira, goleiro de 17 anos, da cidade paranaense de Assaí. "Mas vou voltar no próximo ano", promete.

O centroavante Hélio, 19 anos, de Ourinhos (SP), joga desde os 10 anos e também interrompeu os estudos no último ano do ensino médio. "É muito cansativo treinar e estudar", reclama. O meia Henrique Leão, 20 anos, de Três Corações (MG), parou aos 17, no segundo ano do ensino fundamental. "Sempre comecei e parei. Se não houver estabilidade num time, é complicado", garante.

Leão lamenta ter sido obrigado a deixar o juvenil do Santos, onde passou quatro meses e foi dispensado. "O meu empresário na época quis muito, não entrou em acordo com o clube e eu fiquei sem a vaga. Prefiro nem comentar. Às vezes é melhor nem ter empresário. Tem uns que só te roubam", reclama. O paulistano Caio de Melo Pereira, 15 anos, um dos mais jovens do alojamento, tem conseguido estudar. Está no primeiro ano do ensino médio. "Dá muita saudade da família. Mas a gente tem que se adaptar a essa vida", afirma.

Em outras regiões, a situação dos jovens atletas não é diferente. No Recife, os atletas das categorias de base do Santa Cruz – tradicional clube pernambucano que se prepara para disputar a Série D do Campeonato Brasileiro, depois de vários rebaixamentos – treinam num campo conhecido como "pantanal", que passa a maior parte do ano encharcado. Onde deveriam ser os vestiários e refeitórios, tem apenas uma estrutura de alvenaria inacabada, sem armários, vasos sanitários ou água encanada. Ladrões costumavam invadir o local para roubar fios, material de construção e até assaltar jogadores.

F.J., 16 anos, conta que o clube só fornece o campo, a bola e o treinador. "A gente tem de levar lanche de casa. Depois do treino, não tem lugar nem para tomar banho. Voltamos todos suados. Não tem lugar nem para fazer xixi e

fazemos no pé do muro." Muitas vezes, jogadores do juvenil treinam com os menores, de até 8 ou 9 anos. "Eles acabam se machucando", lamenta.

Pais de atletas denunciaram o Santa Cruz ao MP por causa das irregularidades. Há 15 dias, a procuradora do Trabalho Débora Tito e a promotora da Infância e Juventude Jecqueline Aymar convocaram os três principais clubes do estado – Náutico, Santa Cruz e Sport – para uma reunião. "Os jogadores têm os seus direitos ameaçados, principalmente quanto à educação e à convivência familiar", alertou a promotora.

As instalações das categorias de base são um exemplo de desrespeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e às leis trabalhistas. Além da inexistência de comida no refeitório, faltam roupa de cama, higiene, armários e privacidade no alojamento improvisado sob as arquibancadas do estádio do clube. Os banheiros só foram reformados no final de 2006, graças a uma coleta de dinheiro realizada por alguns jogadores, indignados com os vasos sanitários quebrados e os poucos chuveiros, entupidos.

Até setembro, a energia elétrica estava cortada por falta de pagamento e o gerador era desligado à noite para economizar óleo diesel. Os atletas não conseguiam dormir por causa do calor e da invasão de mosquitos. O estádio do time fica ao lado do Canal do Arruda, que recebe boa parte dos esgotos da zona norte da capital pernambucana.

A nova diretoria do Santa Cruz, que tomou posse em outubro, admite as irregularidades e promete corrigi-las. O diretor das categorias de base, Carlos Frederico Galvão, diz que vai criar uma coordenação de saúde e de assistência para dar acompanhamento pedagógico, social e psicológico aos jovens atletas. "Precisamos apenas de tempo, pois as ações não podem ser implementadas de uma vez", afirma. Galvão informou que o clube deve adquirir um terreno para construir um novo CT, próximo de duas escolas.

Prometeu ainda se inspirar em experiências bem-sucedidas de parceria para solucionar os problemas. Mas o Santa Cruz não terá muitos exemplos para copiar. São poucas as experiências de clubes de futebol que tentaram assegurar formação e cidadania aos meninos que arriscam a carreira de jogador. Uma das poucas aconteceu no Vitória da Bahia, nos anos 2002 e 2003. Naquele ano, o clube baiano criou o projeto Bom de Bola, Bom de Cabeça, em parceria com a ONG Centro de Educação e Cultura Popular (Cecup), o Unicef e a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Segundo o ex-coordenador do projeto, Normando Batista, a proposta era oferecer uma formação educacional para os adolescentes de 15 a 17 anos. "A parcela daqueles que conseguem se profissionalizar é muito pequena, por isso havia esse investimento para que todos fossem capazes de identificar oportunidades além do futebol", lembra Batista. Eram oferecidos cursos e oficinas sobre prevenção contra drogas, sexualidade, HIV, relações humanas, mídia training, informática e acompanhamento pedagógico. Mas a iniciativa não foi adiante.

O confinamento de atletas em espaços inadequados também é prejudicial. Até o mês passado, 32 jovens jogadores do Esporte Clube Laranja Mecânica, da cidade paranaense de Arapongas (quadro ao lado), viviam numa espécie de república num casarão. À noite, tinham a companhia apenas do técnico, Luiz Balbino, ex-jogador do Cruzeiro e do Tupi de Juiz de Fora, que deixou o time recentemente.

"Dá saudade demais. Mas, se a gente tem um plano na vida, tem que lutar por ele", diz Wellington Marino, 16 anos, que saiu há um ano da cidade de Sapezal, em Mato Grosso, para treinar no Laranja Mecânica. Jonathan dos Santos, também de 16 anos, de Campo Grande (MS), é filho de um porteiro e uma empregada doméstica e só pensa em ajudar os pais. "Meu sonho é dar alguma coisa boa para minha família."

A distância dos parentes pode trazer prejuízos aos garotos, avaliam especialistas. "A criança e o adolescente estão numa condição peculiar de desenvolvimento. Além das questões materiais, precisam de referências familiares, culturais e comunitárias", observa a psicóloga Lucia Helena Alencar, especializada em violência doméstica contra a criança. "Numa situação como essa, eles ficam sem o referencial de pertencimento, o que compromete o desenvolvimento saudável e adequado."

Os jovens que treinam muitas vezes em período integral perdem o direito à infância. Essa situação contraria o ECA. O artigo 19 da lei federal diz que toda criança "tem de ser educada no seio da família". Já o artigo 53 assegura o direito à educação, "visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho".

A carga excessiva de treinamentos é outro problema. "Há um perigo no exagero de exercícios físicos. Faltam profissionais preparados. Dar treino para uma criança é uma questão delicada e é preciso uma formação muito boa para isso", alerta Turíbio Leite de Barros Neto, fisiologista do Centro de Medicina Esportiva da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do São Paulo Futebol Clube. "Em muitos casos, quem costuma dar o treinamento é um ex-jogador. Não tenho nada contra ex-jogador. Mas é uma competência que ele não tem."

O MP paulista recebeu no ano passado denúncias de que crianças e adolescentes estariam sendo submetidos "a jornadas excessivas de trabalho" nos grandes clubes. Na época, um adolescente denunciou ainda ter sido vítima de assédio sexual no Corinthians. Um ex-gerente de futebol amador foi acusado.

Em visita aos alojamentos do Corinthians para examinar as condições de trabalho e recrutamento das crianças e adolescentes das categorias de base, as procuradoras Mariza Mazotti, Débora Lopes e Maria José do Vale constataram problemas como sujeira, mau cheiro e chuveiros precários. Alojamentos do clube foram interditados.

O supervisor das categorias de base do Corinthians, Wagner Rodrigues, o Vaguinho, afirma não ter conhecimento de casos de assédio e diz que o clube resolveu os problemas apontados pelo MP. "Os jogadores dos juniores, mais velhos, foram desalojados. Cada um agora passa a ter uma casa. Agora, só garotos da mesma faixa etária ficam juntos", afirma. "Quanto ao estudo, a Federação Paulista de Futebol exige que o garoto mostre seu boletim de dois em dois meses."

Em Minas Gerais, o Cruzeiro está prestes a assinar um termo de ajustamento de conduta, com conteúdo elaborado pelo Ministério Público do Trabalho. Em núcleos que o clube mantém em municípios do interior também foram encontrados meninos sem frequentar escola e instalados em alojamentos em péssimas condições, segundo Miriam dos Santos, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

A procuradora Claudia Franco vê a pressão psicológica como um dos problemas mais sérios para os garotos. "Tinha meninos em situação de tristeza profunda, porque eram obrigados a apresentar resultados e não conseguiam", constata. Essa frustração pode ter conseqüências, observa Barros Neto. "A criança tem de satisfazer a expectativa do pai e da mãe. É uma cobrança injusta. Se não correspondem, há uma enorme ameaça à sua saúde mental", afirma. Para o fisiologista, o Ministério da Saúde deve intervir nessa questão. "É necessário no sentido de estabelecer condições mínimas para a salubridade física e mental da criança", defende.

Enquanto isso, famílias ficam à espera do sucesso precoce dos filhos. Renan, de 10 anos, por exemplo, já é um craque versátil: joga no time de futebol de salão do Corinthians e no futebol de campo do Juventus, na categoria sub-11. Começou a jogar aos 5, nas categorias "chupeta" e "mamadeira". No momento, é pretendido pelo Santos e pelo Palmeiras, segundo o pai, José Eronides Filho, 38 anos. "Mas meu desejo é que ele vá um dia para a Roma", sonha Eronides, ex-atleta e motorista desempregado.

APÓS PERDA DE ATLETAS, SANTOS ANUNCIA FIM DE ACORDOS DE 'GAVETA'

02/12/2008

Manobra que rendeu inúmeras brigas judiciais nos últimos anos, o contrato de "gaveta" está com os dias contados no Santos, assegura o presidente do clube, Marcelo Teixeira. O Santos argumenta que a adoção em larga escala do "gaveta" tinha como intuito resguardar os "patrimônios" do clube, mas o plano será extinto após seguidas fugas de atletas.

Neste ano, os jogadores Marcelo, Renatinho e Denis conseguiram invalidar o vínculo futuro na Justiça. Outros renegociaram os contratos, casos de Marcos Aurélio (atualmente no Shimizu), Rodrigo Souto, Kléber Pereira, Alemão (atualmente na Udinese), Thiago Luís e Thiago Carleto (Valencia).

Marcelo Teixeira condenou a postura voraz de empresários e também a Lei Pelé, que

teria desprotegido os clubes na manutenção, sobretudo, das revelações do clube.

"A agressiva ação de empresários, que encontram brechas para chegar aos atletas, fez o clube repensar. Não queremos correr mais riscos. Adotamos isso desde 2000 para nos precaver e assim manter nossos atletas. Mas o contrato de gaveta, assim chamado pela imprensa, não tem tido a mesma eficácia. Os juízes têm dado ganho momentâneo aos atletas", discursou.

O dirigente aponta como exemplo bem sucedido de "gaveta" as contratações de Elano, Renatinho, então no Guarani, e Alex, então do Juventus. Para Teixeira, a adoção desse tipo de contrato deu certo porque os três chegaram à Vila quando já estavam prestes a debutar no profissional, sem precisar passar anos na base alvinegra.

"Contratei emergencialmente o Elano, Renato e o Alex, que foram colocados imediatamente no profissional. Agora não sei se valerá investir em atletas entre 9 e 16 anos, onde há um enorme investimento sem que haja uma garantia de que ele ficará ou mesmo se dará retorno futebolístico e financeiro".

O famigerado acordo de gaveta consiste na assinatura de dois vínculos com o atleta contratado pelo clube. Um contrato é registrado na hora na CBF (Confederação Brasileira de Futebol); o outro (de gaveta) fica sob posse do clube, sem cópia para o atleta, guardado para ser aplicado imediatamente após expirar o primeiro vínculo, mesmo sem a anuência do jogador.

Em virtude das recorrentes reclamações de atletas ligados ao Santos, o **Sindicato dos Atletas de São Paulo (Sapesp)** repreendeu o clube, classificando como crime a metodologia adotada pelo time da Baixada.

REAL SALVADOR – Um time revelador de atletas

Delcir Rodrigues é diretor de futebol do Real Salvador e agente de jogadores. O Real é um clube baiano fundado em 9 de outubro de 2002 com o intuito de revelar talentos e futuramente conseguir ser a tão esperada terceira força do estado. Mas está parado e deve retornar às atividades, voltado apenas para a formação de jogadores.

O Real Salvador chegou a disputar torneios internacionais e montou uma equipe profissional que participou da segunda divisão do Campeonato Baiano. Um dos principais frutos do trabalho do time foi a revelação do meia Leandro Lima, contratado pelo Porto, em 2007, depois de se destacar com a seleção brasileira no último Mundial Sub-20. Recentemente, foi noticiado que o meia teria adulterado a idade.

Rodrigues é ainda um dos sócios cotistas do Real, que tinha o renomado Newton Mota, responsável direto pela ascensão do Vitória na década de 90, à frente do projeto. Durante essa entrevista, ele fala sobre a equipe, as divisões de base de um modo geral, as principais descobertas do time, as dificuldades em lidar com os "gatos" e também "segurar" as revelações nos próprios clubes.

Olheiros - Como funciona um clube que se dedica a apenas revelar jogadores?

Delcir Rodrigues - Um clube que se dedica à revelação de jogadores, como é o caso do Real Salvador, que atualmente está parado para modificar a filosofia, tem que ter uma

rede de olheiros espalhada pelo Brasil todo. E tem que ter também seus próprios olheiros, que marcam peneiras em outros municípios e estados. Tem que conversar com a família, ver se é isso mesmo que ela quer para o menino. Depois tem que fazer todos os testes de saúde porque o clube tem que estar precavido quanto a isso. Se for aprovado, ele é alojado e procura um colégio porque não pode ficar sem estudar.

Olheiros – E você continua trabalhando com o futebol enquanto o Real Salvador está parado?

Delcir – Estou trabalhando mais sozinho, buscando jogadores pelo Nordeste. Tenho até que mudar isso, procurar mais pela Bahia mesmo, porque sai caro.

Olheiros – E achando esses talentos, você manda para qual time?

Delcir – Seria para clubes como São Paulo, Atlético Paranaense, Fluminense, São Caetano, Palmeiras... Só time grande. Busquei o relacionamento com os clubes. Estou trazendo equipes como São Paulo e Atlético Paranaense para a Copa 2 de Julho de Juvenil em julho, que tem tudo para se tornar a maior do país.

Olheiros - Há alguma ambição profissional no Real?

Delcir – O Real, na administração do (Newton) Mota, trabalhava todas as categorias até o profissional. Agora, a preocupação é ser realmente um clube revelador de talentos. Vamos ter mirim, infantil e juvenil. Não vai ter nem júnior. Estamos fazendo um ajuste na nossa filosofia.

Olheiros - Como eram feitas as negociações dos garotos? Vocês usavam clubes grandes como vitrine ou a venda era direta?

Delcir – A parceria era com o Cruzeiro, mas já acabou. Não é à toa que o (Newton) Mota está no Cruzeiro.

Olheiros - Quais foram os grandes nomes que passaram pelo Real Salvador?

Delcir – Jéferson, lateral-esquerdo do Guaratinguetá que foi roubado dentro do Bahia, e o meia Leandro Lima (Porto). O goleiro Júnior, que se destacou na Copa São Paulo (em 2007) e hoje está no São Caetano. O Anselmo Ramon (atacante que se destacou na mesma edição da competição), que o Bahia vendeu pro Cruzeiro. Mas nosso principal nome é o Guilherme, do Cruzeiro, né? Tem também o lateral-esquerdo Anderson e o Apodi (lateral-direito ex-Vitória), que estão no mesmo Cruzeiro. O Guilherme, lateral-esquerdo, que atuou no Vasco e agora está na Espanha (defende o Almería). O Eduardo, que o Bahia vendeu para o Botafogo (em 2008). E no Vitória tem Ramirez e Caíque.



Olheiros – Como você vê a questão dos “gatos” no futebol brasileiro?

Delcir – Eu trouxe um jogador para o Vitória há uns dois anos e ele se destacou logo na Copa Nike e o levaram para o Grêmio. Dentro do Grêmio, descobriram que ele era “gato”. Ele constava como sendo de 92 e na verdade era 87. Isso já é um “tigre”. Eu conheço vários “gatos”. Está cheio de “gato” por aí.

Olheiros – Pode dar nomes?

Delcir – Rapaz, é complicado. Senão, vão me processar.

Olheiros – E como foi o caso Leandro Lima?

Delcir – Leandro Lima foi um jogador que ficou com a gente durante três anos e, para a gente, ele era normal. Com o documento todo “limpinho”, dizendo que ele era 87. Ele na realidade é 85, mas só estou sabendo agora, através da imprensa. Ele foi roubado do Real Salvador para o São Caetano. Eu ajudava muito ele, mandava dinheiro para a mãe, trouxe chuteira da Itália para ele. E aí roubaram da gente. O São Caetano divulgou uma nota dizendo que pagou ao Real. O Real vai entrar na Justiça pra saber em que conta ele depositou o dinheiro.

**Olheiros – Você acha que a imagem do Real foi arranhada?**

Delcir - Não arranha. Porque, como eu disse, o Real não foi responsabilizado. Já tem jornal em Portugal, acusando o irmão dele, Narcízio, que jogou aqui no Vitória, mas ninguém prova, não. Ele tem cara de menino. Não dava pra saber. Era um moleque fora de série. Era o destaque da categoria. Eu gosto muito dele.

Olheiros – E quais os cuidados para tentar detectar os “gatos”?

Delcir – Fazer pesquisa em colégio. Mas jogador de muito longe às vezes não tem como achar. Descobrimos vários gatos e mandamos embora. Teve um que ninguém desconfiava. Era o Giovanni, lateral-esquerdo, que foi pego como gato numa Copa São Paulo. Tínhamos emprestado ele. Felizmente, ele colocou a culpa num empresário. Esses “gateiros” têm que ir pra cadeia. Só vai mudar quando a Polícia Federal começar a pegar.

Olheiros – E o que você acha da Lei Pelé?

Delcir – Eu já sei que (a Lei Pelé) vai mudar. Pelé agora é investidor. Está montando um centro de formação de primeiro mundo em Jundiaí com o Paulista e o Lousanne, da Suíça. E ele vai ter interesse que se mude a lei que ele criou. A lei atrapalhou, claro. Se você é formador, gasta dinheiro com um menino desses e assina um contrato. Num segundo, já tem que se submeter ao que o empresário quer.

Olheiros - Como "prender" os garotos se a legislação só permite o estabelecimento de um contrato a partir dos 16 anos?

Delcir – A gente tem que fazer um trabalho diferenciado com a família. Ontem mesmo, eu estive na roça, mostrando quem eu sou, para acreditarem em mim. Se a gente fizer isso, inibe que esses espertalhões façam isso.

Olheiros - Como é o processo de formação da garotada? Ela deixa a equipe pronta para atuar no exterior?

Delcir – Já mandamos vários jogadores pro exterior.

Olheiros - Newton Motta continua à frente do projeto?

Delcir – Só é sócio cotista, mesmo. Porque ele hoje está no Cruzeiro. Eu também sou sócio.

REGRAS COMUNS NOS CLUBES BRASILEIRO NO RECRUTAMENTO

01 - Um dos pontos fundamentais para o sucesso do departamento de formação de um clube é a seleção dos jogadores.

02 - Basicamente, há duas maneiras para recrutar novos atletas: através de peneiras ou de indicação de olheiros espalhados pelo Brasil.

03 - Se aprovado, o atleta deverá assinar um contrato formal de aprendizagem, com período mínimo de seis meses e máximo de dois anos, com a fixação de uma bolsa não inferior a um salário mínimo.

04 - A assinatura do contrato deve ser acompanhada exclusivamente pelos pais ou responsáveis pelo adolescente.

05 - Após o fim do período de aprendizagem, deverá ser assinado um contrato de trabalho profissional, como prevê a Lei Pelé.

06 - Os clubes devem se responsabilizar para que seus atletas freqüentem a escola, pelo menos até a conclusão do ensino médio, ter controle de freqüência e providenciar transporte escolar.

07 - Só poderão permanecer morando em alojamentos os jogadores que não possam se deslocar diariamente de casa até o clube. A permanência do atleta no alojamento deverá ter autorização dos pais. Os locais de moradia devem oferecer condições adequadas de alimentação, higiene, segurança e salubridade.

08 - Os clubes devem oferecer assistência médica, fisioterápica, odontológica, psicológica e de educação física aos atletas, além de contratação de seguro de vida.

09 - Em caso de parcerias, a responsabilidade de prestar assistência ao atleta continua sendo do clube.

10 - Os clubes devem oferecer condições para que os adolescentes que vêm de outras cidades visitem pelo menos cinco vezes por ano o seu local de origem

CLUBES PARA TESTES	Informações:
Cruzeiro Esporte Clube / MG	(31) 3427-3800 - Carlos Catira 31 9209 7376 Sr. ROGER Coordenador de observação
Clube Atlético Mineiro / MG	31 3629 2800 / 31 8782 8489 / 31 84024625 Mauro Sergio Oliveira Martins Coord de Observação Técnica
Atlético Paranaense/ PR	Para saber mais sobre os testes das categorias de base, ligue para a sede do Atlético: (41) 2105-5600 .

Quer saber mais.....

ORGANIZADOR

NILSON RIBEIRO

Consultor Esportivo, Jurídico, contábil e Administrativo

consultor@mastersports.com.br

MSN: nilsonribeiro@agentefifa.com.br

Site: www.mastersports.com.br

Tel: +55 (31) 3224 – 9155 / Cel: +55 (31) 9171 – 4038